

HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS:

Perspectivas
Teóricas,
Metodológicas
e de
Investigação

Luis Fernando González-Beltrán
(organizador)

VOL II



EDITORA
ARTEMIS
2023

HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS:

Perspectivas
Teóricas,
Metodológicas
e de
Investigação

Luis Fernando González-Beltrán
(organizador)

VOL II



EDITORA
ARTEMIS
2023



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos os manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizador	Prof. Dr. Luis Fernando González-Beltrán
Imagem da Capa	Bruna Bejarano, Arquivo Pessoal
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil
Prof.^a Dr.^a Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México

Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal, Canadá*
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. José Cortez Godínez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil



Prof.^ª Dr.^ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Prof.^ª Dr.^ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba
Prof.^ª Dr.^ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México
Prof.^ª Dr.^ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof.^ª Dr.^ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.^ª Dr.^ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University*, Russia
Prof.^ª Dr.^ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^ª Dr.^ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León*, Espanha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

H918 Humanidades e ciências sociais [livro eletrônico] : perspectivas teóricas, metodológicas e de investigação: vol. II / Organizador Luis Fernando González-Beltrán. – Curitiba, PR: Artemis, 2023.
Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
Edição bilíngue
ISBN 978-65-87396-90-3
DOI 10.37572/EdArt_300723903
1. Ciências sociais. 2. Humanidades. I. González-Beltrán, Luis Fernando.

CDD 300.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



PRÓLOGO

En este segundo volumen, volvemos a tener el enfoque sobre el ser humano en sus distintas facetas: su bienestar; su salud física y mental; los diferentes ambientes en los que despliega su acción y su interacción; su intercambio; dónde aprende; dónde se comunica; dónde ensaya nuevas formas de participar con los demás; incluso dónde busca la forma de ser más amigable con la naturaleza.

Como en el volumen anterior, invitamos a leer trabajos de diversa índole, de Humanidades y Ciencias Sociales, de varias disciplinas, con sus respectivas variantes en cuestiones teóricas y conceptuales, que responden a distintas metodologías y de investigadores renombrados en sus campos, de diferentes países, con la esperanza de que su lectura provoque un panorama más general, más completo, de la problemática de los seres humanos en sus variados ambientes, tanto naturales como contruados.

Este segundo volumen contiene 17 textos de tópicos que no pierden actualidad, en 4 ejes temáticos, que son: a) El individuo: Comunicación, lenguaje y segunda lengua. A diferencia del volumen 1 que incluía salud y bienestar, aquí se profundiza en cuestiones lingüísticas; b) La escuela: Nuevas tecnologías. Mientras que el volumen anterior se enfocaba en cuestiones del proceso de enseñanza aprendizaje, este volumen incluye las TIC en los diferentes niveles educativos; c) La empresa: Administración y Gestión. Este eje temático es nuevo, acerca del mundo empresarial, su estilo de liderazgo, sus estrategias, las empresas familiares, el consumo y el entrenamiento de los trabajadores; y d) La comunidad: Sustentabilidad y sostenibilidad. Esta temática que incluía en el volumen 1 cuestiones de Sociología y Política ahora centra su objetivo en la Etnografía de espacios urbanos, el turismo y el Patrimonio cultural.

Esperamos que los resultados que cada investigador difundió en esta obra no agoten la curiosidad científica del lector, en cambio que aumenten la necesidad de saber más, de hacerse más preguntas, de reflexionar con mayor profundidad, y quizá hasta provocar mayor investigación.

Les deseamos a todos una agradable lectura!

Luis Fernando González-Beltrán
Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

SUMÁRIO

EL INDIVIDUO: COMUNICACIÓN, LENGUAJE Y SEGUNDA LENGUA

CAPÍTULO 1..... 1

ENACCIÓN Y NEUROFENOMENOLOGÍA EN EL LENGUAJE

Roberto Aristegui

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007239031

CAPÍTULO 2..... 39

PROCESS TYPES OF THE TRANSITIVITY SYSTEM IN ESL CLASSROOMS

Cecilia Folasade Ojetunde

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007239032

CAPÍTULO 3..... 59

EL USO DE LA HERRAMIENTA PIXTON EN LA ENSEÑANZA DEL INGLÉS

Bertha Guadalupe Rosas Echeverría

Carmen Reyes Márquez

Angel David Bustos Nuñez

Elías Vicente González Herrera

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007239033

CAPÍTULO 4..... 68

LAS ABEJAS LABORIOSAS DE LA CASA - REFLEXIONANDO DESDE EL CUERPO

Regina Katz

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007239034

LA ESCUELA: NUEVAS TECNOLOGÍAS

CAPÍTULO 5..... 77

EL USO DE LAS TECNOLOGÍAS DIGITALES DE LOS ADOLESCENTES DE LA ENSEÑANZA SECUNDARIA PÚBLICA DE MONTEVIDEO-URUGUAY Y SUS BENEFICIOS. APORTES METODOLÓGICOS

Susana Lamschtein Levy

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007239035

CAPÍTULO 6..... 88

ENSEÑANZA DE LA MATEMÁTICA BÁSICA A TRAVÉS DE HERRAMIENTAS WEB EN INSTITUCIONES DE EDUCACIÓN DE NIVEL SUPERIOR EN MODALIDAD ABIERTA

Samuel Jiménez Abad

Itzel Natalia Lendechy Velázquez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007239036

CAPÍTULO 7..... 95

LA IMPLEMENTACIÓN DE LAS TÉCNICAS DE ORGANIZACIÓN COMO ESTRATEGIA DE VINCULACIÓN DE LOS ESTUDIANTES DE PEDAGOGÍA SEA CON LOS DISTINTOS SECTORES DE LA SOCIEDAD

Itzel Natalia Lendechy Velázquez

Juana Velásquez Aquino

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007239037

CAPÍTULO 8..... 106

CONTENIDO PEDAGÓGICO ACTUAL: PERCEPCIÓN POR PARTE DE LOS DOCENTES

Julia Matilde Cruz-Fabara

Narcisca Cecilia Castro-Chávez

Mayra Robinson-Saona

Ruth Aracely Lopez-Litard

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007239038

CAPÍTULO 9..... 118

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA INTERNET: CARACTERIZAÇÃO E DESAFIOS NO SÉCULO XXI

José Joaquim Costa

Jéssica Duarte

Maria João Mimoso Soares

Florbela Vitória

Ana Paula Matos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007239039

CAPÍTULO 10..... 131

LIDERANÇA DE UMA EMPRESA: ANÁLISE DA EMPRESA SCEMAI

Luis Almeida
Ana Peixoto
Adalmiro Pereira
Tânia Teixeira

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072390310

CAPÍTULO 11.....138

DIAGNOSIS OF TRAINING NEEDS FOR AN ASSEMBLY COMPANY DEVELOPED AT THE TECN M CAMPUS INSTITUTO TECNOLÓGICO SUPERIOR

Jose de Jesus Reyes-Sanchez
Mario Alberto Garcia-Camacho
Jannet Maricela Barrientos Luján
Omar A. Guirette-Barbosa
Selene Castañeda-Burciaga

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072390311

CAPÍTULO 12145

COMPORTAMIENTO DEL CONSUMIDOR: APROXIMACIÓN EPISTEMOLÓGICA DESDE LOS ENFOQUES NATURALISTA, INTERPRETATIVO Y CRÍTICO

Javier Solano-Solano
Jean Palomeque-Jaramillo
David Zaldumbide-Peralvo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072390312

CAPÍTULO 13.....158

LA TRANSFERENCIA UNIVERSITARIA COMO EXPERIENCIA DE PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTO: EL DESAFÍO DE TRANSFERIR AL SECTOR DE LA AGRICULTURA FAMILIAR

Gabriela Cilla

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072390313

LA COMUNIDAD: SUSTENTABILIDAD Y SOSTENIBILIDAD

CAPÍTULO 14.....185

PROYECTO DE RESPONSABILIDAD SOCIAL UAT-COIL Y FCAV-FDCSV

Giuseppe Francisco Falcone Treviño

Susana Gómez Loperena

Zaida Leticia Tinajero Mallozzi

Eliete Alejandra Coronado Rojano

Joel Luis Jiménez Galán

Cruz Alberto Martínez Arcos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072390314

CAPÍTULO 15206

HARNESSING HERITAGE: UNRAVELING ITS IMPACT ON URBAN COMPETITIVENESS THROUGH GOVERNMENTAL POLICIES

Eko Nursanty

Lê Hồ Trung Hiếu

Djudjun Rusmiatmoko

Muhammad Fahd Diyar Husni

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072390315

CAPÍTULO 16218

DA INOVAÇÃO SOCIAL AO TURISMO DE INTERESSES ESPECIAIS: O CASO DA REGIÃO DE ANTOFAGASTA

Emilio Ricci

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072390316

CAPÍTULO 17240

UMA PERCEPÇÃO DO FAZER A FEIRA CONSTRUÍDA A PARTIR DA PRÁTICA ETNOGRÁFICA

Marina Ramos Neves de Castro

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072390317

SOBRE O ORGANIZADOR..... 257

ÍNDICE REMISSIVO258

CAPÍTULO 1

ENACCIÓN Y NEUROFENOMENOLOGÍA EN EL LENGUAJE¹

Data de submissão: 01/07/2023

Data de aceite: 14/07/2023

Roberto Arístegui PhD.

ABSTRACT: The conception of language in enaction is situated in the context of the research program of the cognitive sciences. It focuses on the formulation of the synthesis of hermeneutics and speech acts, and the vision of language according to the metaphor of structural coupling. The exclusion of expressive speech acts in this design is problematized. It examines the critical steps to the theory of language as a reflection and the linguistic correspondence of cognitivism. We examine the foundations of the proposal in the line of language and enaction as an emergent phenomena not reducible to autopoiesis. An integration of hermeneutic phenomenology, genetic and generative phenomenology. The inclusion of expressive speech acts based on the functions of language in the Habermas-Bühler line is argued. An opening of enaction to the expressive dimension of language and

meaning holism with the referential use of language is proposed.

KEYWORDS: Enaction. Neurophenomenology. Performative. Expressive speech acts. Background. Meaning holism.

1 INTRODUCCIÓN

El programa de investigación de las ciencias cognitivas, que integra la neurociencia, la psicología, la lingüística, la inteligencia artificial y la filosofía, se orienta al estudio científico y objetivo de la cognición. Recientemente se ha propuesto que la orientación central del programa cognitivo resulta incompleta, por cuanto ha dejado de lado la dimensión de las emociones, la afectividad y las motivaciones. No se ha abordado la subjetividad humana en el estudio de la mente. Es lo que ha abierto un interés creciente en la fenomenología. Al mismo tiempo, se ha planteado que es necesario complementar el estudio de la mente con los aportes de la psicología, la neurociencia y la biología.

En el desarrollo de las ciencias cognitivas se distinguen cuatro etapas. Una

¹ Traducción: Arístegui (2017) Enaction and Neurophenomenology in Language. In: Ibáñez A., Lucas Sedeño L. & García A. M. (eds.) Neuroscience and social science: The missing link. Springer, New York: 471-500.

etapa inicial está vinculada a la cibernética. Surgida a fines de los años cuarenta, sentó las bases para establecer modelos de la cognición entendida a partir de la metáfora de sistemas mecánicos recursivos orientados a fines. Con la posibilidad de autorregulación mediante mecanismos de *feedback*, esta concepción se presenta aún, con un énfasis en esquemas maquinales.

A continuación, la aproximación del cognitivismo, que se presenta en los años cincuenta, integró la dimensión de la máquina, con procesos mentales internos representados formalmente. Se construye en analogía con un programa computacional, o *software*, donde el cuerpo correspondería al *hardware*. El modelo funcional no considera la conciencia ni el cuerpo en la dimensión subjetiva humana.

La siguiente etapa, el conexionismo, surge en los años ochenta y propone la metáfora de la cognición como una red neuronal, con múltiples conexiones. La fuerza de la mente varía con la capacidad de integrar reglas de aprendizaje y con la historia de las experiencias. Tampoco este modelo considera la subjetividad.

Finalmente la enacción, propone una metáfora de la mente como un sistema dinámico encarnado en el mundo. Entiende la cognición como un fenómeno temporal, como respuesta a perturbaciones de un sistema humano. No se entiende como producto de la repetición intrucciones estandarizadas. Además, considera que los procesos cognitivos involucran la encarnación de habilidades sensorio-motrices en individuos autónomos.

Si bien se reconoce que la orientación central está dada por el cognitivismo en discusión con el conexionismo, los fundamentos de ambas posiciones son cuestionables. Tanto el modelo cognitivista, como en el conexionista no plantean la relación de los procesos cognitivos con el mundo, entendiendo mente y mundo como separados. La mente se entiende así en una dimensión formal, abstracta.

El estudio científico y filosófico del fenómeno del conocer y de la conciencia, pone de relieve un vacío explicativo respecto de la subjetividad. El proyecto de la enacción, al mismo tiempo, cuestiona los fundamentos de esta orientación predominante, proponiendo una alternativa vía fenomenología. Da lugar posteriormente, a una novedosa posición denominada neurofenomenología, que se desprende de la ciencia cognitiva enactiva. En el contexto del programa de la neurofenomenología, la enacción y la fenomenología comparten una visión de la mente, en cuanto constituye los objetos intencionalmente. Además, la enacción supone la autonomía; y la fenomenología caracteriza como rasgo principal de lo vivo la intencionalidad. Lo que abre un campo de diálogo, donde la fenomenología provee un marco filosófico para la investigación científica de la conciencia y la subjetividad.

Estamos interesados en profundizar en los fundamentos de la alternativa al conocimiento desde la enacción, por cuanto sostenemos que la emergencia de la orientación neurofenomenológica enactiva en las ciencias cognitivas supone el planteamiento de un cambio epistemológico en la comprensión de la experiencia y la cognición, entendidas además como un fenómeno situado en el mundo social.

En este contexto, encontramos particularmente relevante la posición epistemológica alternativa de la enacción en el dominio de los supuestos epistemológicos de la teoría del conocimiento como reflejo, por cuanto dicha concepción del conocimiento compromete una versión del lenguaje como reflejo. Nos referimos a la teoría pictórica del lenguaje. De acuerdo a la tradición del reflejo, la cognición y el lenguaje, están en una relación de correspondencia con la realidad. La ciencia cognitiva enactiva, comporta una nueva visión que confronta la teoría de la verdad como correspondencia la concepción del lenguaje como reflejo. El lenguaje, entendido como enacción, realiza un cambio respecto de la tradicional teoría pictórica del lenguaje que prevalece en las ciencias cognitivas. Entiende el modo de ser-con otros en el mundo a través de una coordinación de acción en el lenguaje modulado por la expresividad.

Hasta ahora el programa de investigación de la enacción, estuvo circunscrito principalmente al dominio principal de la percepción. Varela caracteriza y describe enactivamente la percepción como acción guiada perceptualmente. Al mismo tiempo, hay un desarrollo paralelo aplicado en el ámbito del lenguaje (Winograd & Flores, 1986), expresamente reconocido por Varela (2002) proponiendo que el trabajo de Flores en el lenguaje es enacción.

En ese contexto específico, la propuesta de comprensión enactiva del lenguaje (Winograd & Flores, 1989), se realiza mediante un cruce de hermenéutica (de Heidegger) y actos de habla (Austin, Searle, Habermas), como una alternativa a la orientación racionalista en el lenguaje. Avanzando en la línea de la enacción, proponen la metáfora del acoplamiento estructural en el lenguaje, mediante de los actos de habla como compromisos para hacer infrecuentes los rompimientos (“queiebres”). Esta orientación enactiva en el lenguaje ha dado lugar a un prolífico desarrollo en competencia comunicativa, en el ámbito de la filosofía con una perspectiva de hermenéutica del lenguaje. Además, ha integrado ámbitos del management, la psicología organizacional y la psicoterapia constructivista.

Lo anterior, plantea la noción de la ciencia cognitiva enactiva trayendo a la mano, o al frente, un programa de investigación que integra la perspectiva de la primera persona encarnada, con la tercera persona, y la posición de la segunda persona encarnada en la relación social. A diferencia de la tradicional posición científica, objetiva, de tercera

persona que confina los mecanismos subyacentes a la mente y la conciencia a lo subpersonal, propia de la posición del cognitivismo. Explicitar el foco de la enacción en el lenguaje encarnado que involucra una práctica social, también establece una diferencia respecto de la noción de un puente entre la primera y tercera persona, que es la alternativa de la enacción en el campo de la investigación en la percepción. En otras palabras, proponemos que la enacción, abordando las dimensiones de primera, segunda y tercera persona en la investigación de la subjetividad, incluyendo las dimensiones de la percepción y del lenguaje, reformula el campo meta-teórico y metodológico, de la problemática teórica misma de la ciencias cognitivas, que involucra la pregunta por el ser de la conciencia encarnada.

Mediante la introducción de la perspectiva que valoriza de los informes en primera persona, se introduce el lenguaje y se siguen consecuencias tanto para el campo del estudio de la cognición, como para algunas disciplinas en conexión como la fenomenología, la psicoterapia y las prácticas de la meditación como *mindfulness*, por ejemplo. Nos interesa poner de manifiesto, que agregar la opción metodológica en primera y segunda persona, supone entrar en el fenómeno de lenguaje como uso de lenguaje ordinario, en cuanto la constitución del sentido compartido ocurre al considerar los términos mismos usados en la comunicación.

Si bien está establecido dentro del planteamiento de la enacción, se ha insistido desde la neurofenomenología que es importante considerar la perspectiva de la primera persona frente a la tradicional enfoque en la tercera persona en ciencia. Al mismo tiempo, para considerar a la primera persona se hace indispensable analizar o considerar el focalizar los informes de primera persona en una posición o perspectiva de segunda persona. Además de la relación de tercera y primera persona que se destaca. Estos informes, si bien pueden ser registrados de una manera ampliamente utilizada mediante registros objetivos, suponen una manera de comprender el lenguaje de la primera persona en el contexto de una relación intersubjetiva. En ese contexto, se hace pertinente la visión neurofenomenológica.

Nuestra perspectiva consiste en indagar si acaso hay un planteamiento consistente de la enacción para abordar el caso del uso del lenguaje. Específicamente en esos informes de primera persona en el contexto de una interacción con una segunda persona, lo cual plantea un interés por conocer cómo se aborda el entendimiento del lenguaje en la enacción y en la neurofenomenología. Al mismo tiempo, desde un punto de vista metodológico, nos proponemos examinar un contraste entre una concepción tradicional del lenguaje como imagen o de correspondencia lingüística, como teoría

pictórica del lenguaje formulada en enunciados de tercera persona - en relación a una concepción enactiva del lenguaje que integre la dimensión pragmática de los usos de primera y segunda persona en relación.

Nos parece que es atinente examinar la forma en la cual la enacción en la relación, en el caso de ser comprendido o interpretado en el lenguaje, incluye el uso de lenguaje en su dimensión performativa. Lo anterior abre la dimensión enactiva de la expresividad en el lenguaje. Nos parece que este foco es importante en cuanto un pone en juego la capacidad de un planteamiento coherente con la enacción, anclada en la experiencia emocional, del cuerpo y del lenguaje. En este respecto, cobra especial importancia examinar los supuestos de la concepción de la enacción en el lenguaje arraigados en la síntesis de hermenéutica y actos de habla. Lo cual nos lleva a plantear de entrada que hay dos dimensiones del lenguaje implicadas en dicha síntesis. La función semántica de apertura en el lenguaje y la función pragmática de comunicación en el lenguaje (Lafont, 1993). Particularmente si se aborda la cuestión de cómo ponerse de acuerdo acerca de lo que se dice en el habla, como condición para hablar sobre lo mismo. En especial, en el contexto de la síntesis señalada, considerar la función de apertura del lenguaje que está desempeñada mediante la interpretación del significado de un acto de habla emitido en primera persona.

Cobra particular interés preguntarse por la concepción del lenguaje que la posición hermenéutica implica en la determinación del contenido proposicional de un acto de habla. Al mismo tiempo, diferenciar el contenido proposicional de la fuerza ilocutiva, supone examinar adicionalmente la dimensión de comunicación en el lenguaje.

La enacción en el lenguaje supone abordar ambas dimensiones del lenguaje. Nuestro propósito consiste en preguntarnos si la comprensión de los informes en primera persona que propone centralmente la neurofenomenología como un desarrollo a partir de la enacción requieren una clarificación de los supuestos de filosofía del lenguaje - del núcleo semántico hermenéutico y de pragmática comunicacional- para la comprensión los actos de habla expresivos.

En este contexto, el presente capítulo aborda un desarrollo metateórico específico de la enacción. En relación con una concepción del lenguaje enactivo, recoge la dimensión expresiva del lenguaje, incluidos los actos de habla expresivos. Los actos de habla expresivos han sido omitido en el planteamiento enactivo del lenguaje señalado previamente.

Para desarrollar nuestro propósito, a continuación nos abocaremos a los siguientes pasos:

1. La orientación enactiva.
2. La enacción en el lenguaje.
3. Análisis de los supuestos metateóricos de la enacción en el lenguaje y posibilidad de extensión en el dominio de actos de habla expresivo.

2 LA ORIENTACIÓN ENACTIVA

En el contexto de las ciencias cognitivas, Varela (1989) propone el nuevo programa que plantea una visión alternativa a la cognición, entendida como representación. Varela, está interesado en el problema de la cognición, que según la etimología, en su raíz latina, se refiere a conocer por los sentidos, ver, saber, reconocer (Ojeda, 2001). Introduce su visión, aludiendo a la moción de ciencias cognitivas, como herederas de la formulación tradicional griega del término “epistemología”, que remite a la teoría del conocimiento. La pregunta central que plantea la epistemología es ¿cómo lo sabes?

Define las ciencias Cognitivas como el análisis científico moderno del conocimiento entendido en todas sus dimensiones (Ojeda, 2001). Reformulando la pregunta, epistemológica -¿cómo conocemos?- en el campo de la cognición, plantea que conduce al estudio científico de la mente, considerado como una empresa científica válida (Varela, Thompson, Rosch, 1991).

Varela (1989) caracteriza las etapas en la tradición de las ciencias cognitivas en los siguientes términos:

I.	La cibernética comienza el proyecto de inteligencia artificial
II.	La posición cognitivista es simbólica. Computación de representaciones simbólicas
III.	El conexionismo es sub-simbólico. Interconexiones autorganizadas en red

Varela (1989) se orienta en oposición a la tradición de la representación. Más allá de la insatisfacción del conexionismo con la representación, entendida como procesamiento formal. Cuestiona tres principios subyacentes en la tradición:

- A- Habitamos un mundo definido por propiedades particulares.
- B- Captamos o recobramos estas propiedades externas del mundo representando las simbólicamente mediante representaciones formales.
- C- Existe una entidad interna, un nosotros subjetivo que realiza todo lo anterior.

Como una alternativa a la representación, considerada el núcleo de la tradición de las ciencias cognitivas, propone la “enacción”. El término enacción quiere decir

ejecutar o poner en acción o realizar una actuación. Cuestiona centralmente la noción de representación que supone un mundo pre-dado y una mente pre-dada. La cognición, es más bien la puesta en acción de un mundo y una mente que surge. Emerge, a partir de una historia de acciones realizadas en el acto mismo ser-en-el-mundo.

3 ENACCIÓN EN EL LENGUAJE

En el contexto de las ciencias cognitivas, ha prevalecido la orientación cognitivista. Podemos reconocer que la posición de la enacción representa una alternativa frente al cognitivismo en cuanto integra factores experienciales, emocionales y corporales al estudio científico. En el mismo sentido, al incluir los desarrollos del lenguaje como enacción, se hace presente la necesidad de clarificar si acaso la variante de enacción aplicada al lenguaje permite reconocer la presencia de la dimensión afectivo emocional. Esto debido a que en dicha síntesis específica de Winograd & Flores (1989) que cruza la hermenéutica de Heidegger con la teoría de los actos de habla Searle, no incluye los actos de habla expresivos. Si bien, desde la perspectiva hermenéutica, reconoce el trasfondo de estados de ánimo, lo cual se conecta con la condición de sinceridad de los actos de habla. Sin embargo, no lo aborda explícitamente dentro de una concepción de actos de habla incluyendo la dimensión expresiva.

Al mismo tiempo, considerando que la enacción se caracteriza justamente por constituir una apertura para el estudio de la dimensión emocional -por lo tanto expresiva- la omisión de esta dimensión expresiva del lenguaje, constituye un limitación de las posibilidades del enfoque. En ese sentido pensamos que es necesario desarrollar los conceptos pertinentes y que la discusión al respecto permite abrir esa dimensión a la investigación. Se nos hace patente la necesidad de reflexionar y de examinar los fundamentos de la enacción en el lenguaje que comprometen con dicha limitación (Varela; Winograd y Flores; Flores). Nos proponemos clarificar la restricción respecto al estudio de los actos de habla expresivos.

Para llevar adelante este planteamiento este proyecto de enacción en el lenguaje, en esta primera parte examinaremos el planteamiento de Winograd & Flores en tres etapas.

- Crítica de la enacción al proyecto de comprensión del lenguaje natural en el cognitivismo
- Síntesis de hermenéutica y actos de habla
- Conversación para la acción en las organizaciones sociales.

3.1 CRÍTICA ENACTIVA A LA POSICIÓN COGNITIVISTA DEL LENGUAJE

A fin de examinar la concepción enactiva del lenguaje de acuerdo Winograd & Flores, nos abocaremos ahora a examinar la caracterización crítica de la tradición del racionalismo. La crítica al racionalismo se focaliza en de la correspondencia y en el modelo de comprensión del lenguaje en el cognitivismo.

Se considera que esta tradición remonta sus orígenes a la antigüedad (Platón) y que subyace inalterada en los fundamentos modernos que se continúan actualmente en la tradición de la filosofía analítica del lenguaje ideal, que incluye autores como Frege (1949), Russell (1956), Wittgenstein (1961), Carnap (1970).

Se aborda inicialmente una crítica a la tradición del racionalismo, de acuerdo a la cual el lenguaje es entendido como una representación de la realidad externa. Esta crítica se explicita según la siguiente formulación:

- La función principal de las sentencias del lenguaje consiste en describir el mundo externo.
- Al mismo tiempo se asume que los términos en una construcción gramatical representan partes del mundo o sus atributos.
- Finalmente se considera que la palabra denota la realidad.

Esta concepción ingresa directamente en el campo de la ciencia cognitiva a través de una concepción de la correspondencia-referencia y de la correspondencia-lingüística. El lenguaje se entiende como un reflejo de la realidad.

La concepción de la correspondencia lingüística supone que las sentencias u oraciones del lenguaje ordinario se reducen a un lenguaje formal de fondo mediante la aplicación de un sistema de reglas:

- Existe un sistema de reglas mediante las cuales del lenguaje ordinario se traduce a un lenguaje formal de fondo.
- En el lenguaje formal de fondo se establecen correspondencias entre las partes de la oración y los objetos del mundo mediante lo cual se establece el significado.
- Existe también un sistema de reglas mediante las cuales se asignan condiciones de verdad a las oraciones, mediante las cuales se establece la correspondencia.
- La estructura o la forma estándar de las oraciones para la comprensión gramatical corresponde a la sentencia indicativa.

La concepción enactiva en el lenguaje cuestiona la forma en que estas reglas son aplicada para la comprensión del lenguaje natural. Debido a que se asume el supuesto de que existe una realidad externa.

Siguiendo esta caracterización de la correspondencia lingüística, el lenguaje describe las propiedades del objeto que existen externamente y las palabras se entienden en cuanto denotan dichas propiedades.

Caracterizando críticamente esta tradición, la enacción apunta al cuestionamiento del trasfondo interpretado proposicionalmente. Las proposiciones, las aserciones u oraciones, según esta tradición, obtienen su significado mediante un recurso a la comprensión del *background* lingüístico proposicionalmente, mediante una comprensión del significado literal, sin contexto.

Por ejemplo, en la versión semántica de la verdad, se entiende según la correspondencia, que la oración “la nieve en la blanca” es verdadera sí y sólo sí la nieve es blanca.

Winograd & Flores entregan ejemplos en los cuales el significado de la oración no es el mismo, dependiendo del contexto coloquial del momento. Por ejemplo, “¿Te refieres a la nieve en la montaña?”, o “al estado de la nieve en el *freezer*?”

En analogía con el sistema formal de un lenguaje ideal, la enacción propone que se caracteriza la comprensión del lenguaje en términos de representación formal. La teoría cognitivista de la mente se focaliza en la teoría computacional de la mente. En el cognitvismo se asume la posición del cartesianismo como una forma de comprensión según la cual los procesos mentales corresponden al *software* mientras que el cuerpo, la fisiología, correspondería al *hardware*. La manipulación de símbolos formales es la cognición.

3.2 ALTERNATIVA DEL LENGUAJE EN LA ENACCIÓN: SINTESIS DE HERMENÉUTICA Y ACTOS DE HABLA

Se construye una visión alternativa o cruce de hermenéutica y actos de habla, recurriendo a nociones de la hermenéutica de Heidegger, en la versión de Dreyfus; y de la teoría de los actos de habla de Austin, Searle, en la concepción de hermenéutica crítica, de la teoría de la acción comunicativa de Habermas.

En un primer momento se asume una visión de la fenomenología hermenéutica de Heidegger (Dreyfus,). Partiendo de la concepción de la estructura ser-en-el-mundo, es posible diferenciar los siguientes modos de ser-en-el-mundo: disponible-a-la-mano, indisponible-a-la-mano, presente-ante-los-ojos, puramente-presente-ante-los ojos.

Las distinciones permiten cuestionar la tradición del paradigma sujeto-objeto y representación de objeto.

Disponible-a-la- mano	Indisponible-a-la- mano	Presente-ante-los- ojos	Puramente - presente- ante-los- ojos
--------------------------	----------------------------	----------------------------	---

La concepción heideggeriana del ser-en-el-mundo permite considerar la cognición no como una posición de un sujeto(subjetividad) frente al objeto (objetividad) que adopta la actitud de la representación (la mente espejo). Es justamente en ese contexto donde la noción presente-ante-los-ojos (y puramente-presente-ante-los-ojos en la formalización) permite caracterizar la idea de correspondencia lingüística. Cuando es aplicada, tanto a la comprensión del lenguaje como la posición de un sujeto frente al mundo, lo representa objetivamente, como un modo derivado de ser.

La posición cognitivista intenta caracterizar o describir el uso del lenguaje de acuerdo a la noción de correspondencia-referencia y correspondencia lingüística, dando lugar a una representación formal, como señalamos anteriormente. Sin embargo, desde la posición enactiva del lenguaje se considera que lo primario no es la representación. Al recurrir a la posición de la primera persona, se la sitúa además en el mundo, en un trasfondo de disponibilidad-a-la-mano. Al entender que lo primario no es la representación, la noción de ser-en-el mundo da cuenta de cómo se plantea en un mundo, en el cual nos comportamos en el lenguaje análogo a estar inmersos en el mundo de la acción. Similar al modo de entender el papel de un útil en el conjunto de utensilios, como parte en un todo equipamental. La forma básica en que comparece el mundo, no se da en la representación de objeto, sino que en el disponer de los utensilios. En el trasfondo de prácticas sociales, el significado surge al ser parte de un funcionamiento social ya comprendido.

Cuando no se tiene a la mano la posibilidad de acceder al trasfondo esperado y se presenta un desperfecto en la disponibilidad de lo que ha sido el mundo, se habla de indisponibilidad. En el mismo sentido, en analogía con el modo de comprender el lenguaje según esta metáfora del uso de los utensilios, cuando la comprensión está disponible fluye una disponibilidad. Si se interrumpe o surge un malentendido, se hace necesario restituir de forma práctica un trasfondo de comprensión. Un hablante competente que conoce la tradición, recurre a un trasfondo de comprensión previa que no primariamente es representacional o proposicional. Sino que reposa en una práctica adquirida por el hábito, que le ha permitido haber adquirido habilidades de comunicación por el uso reiterado.

Cuando la comprensión no se puede restituir a través de un recurrir al trasfondo de la práctica siguiendo una interpretación de uso habitual, la enacción propone que se produciría un quiebre del trasfondo. Esta situación daría paso a la actitud reflexiva,

según el modelo de tener o poner algo enfrente, como un objeto de representación. Es la posición denominada presente-ante-los ojos. La crítica a la tradición cognitivista se dirige entonces a cuestionar la creencia respecto de que el acceso primario al mundo sería vía la representación. Lo que se caracteriza como la posición ante-los-ojos, o de presencia-ante-los-ojos. Esto lleva a cuestionar directamente la teoría de la verdad como correspondencia y la concepción de que el significado básico consiste sólo en designar objetos. Esta crítica se enfrenta a los programas de comprensión del lenguaje natural basado en la noción de correspondencia lingüística.

Finalmente, cuando se abstrae totalmente el significado del contexto, generalizándolo para ser usado en cualquier momento, estamos en la dimensión puramente-presente- ante-los-ojos. Aquí es donde tiene lugar la formalización de acuerdo a formulaciones del tipo lógico-lingüísticas. La representación formal, en la estructura profunda, como lugar del significado, subyacente a los usos de superficie del lenguaje ordinario. Corresponde a la estructura formal que se utiliza para desambiguar el significado y que asegura la correspondencia-referencia. Se refiere a las condiciones de verdad de las expresiones del lenguaje traducidas al lenguaje formal de fondo. Es el lenguaje de la correspondencia lingüística. En este espacio, la comprensión del lenguaje es entendido como significado literal.

En cambio, en la tradición de la hermenéutica se pone de relieve la disponibilidad cómo acceso a un trasfondo en base a la comprensión-interpretación de los hablantes-oyentes competentes en un contexto social e histórico. En una tradición de uso del lenguaje en un contexto de uso. La noción de trasfondo viene a ser central para la alternativa de comprensión del lenguaje natural. Siguiendo la concepción del lenguaje de la posición de Heidegger, la enacción adopta la noción de un trasfondo de prácticas compartidas.

3.3 TRASFONDO Y ACTOS DE HABLA

El contexto en el cual se plantea la alternativa de la síntesis de hermenéutica y actos de habla frente a la tradición del cognitivismo, se abre la alternativa de comprensión hermenéutica del lenguaje en un contexto. La enacción, supone en adición, poner de relieve la opción por el lenguaje ordinario, el lenguaje que se habla en la vida cotidiana.

En la línea de acceder al contexto social, adopta la concepción de la teoría de los actos de habla de Austin, quien introduce una distinción fundamental entre constatativo y performativo. Constatativo da cuenta del lenguaje como representación de una realidad externa mediante la representación, la verdad y la referencia. En cambio, performativo

se usa para hacer cosas en el mundo. Corresponde a lo que se hace al decir, mediante el uso del lenguaje en primera persona, presente, indicativo. Con lo cual establecen la diferenciación respecto de la tradición del uso de lenguaje como representación.

Avanzando en esa dirección, Austin introdujo las distinciones de lo que se dice, como locutivo. Lo que se hace al decir, lo ilocutivo. Y el efecto de lo que se hace al decir, lo perlocutivo.

El procedimiento y la distinción de Austin se opone al tratamiento del lenguaje exclusivamente en términos de condiciones de verdad. No es necesario tomar el lenguaje solo en la dimensión constatativa. Es posible, por lo tanto, dejar el itinerario de la correspondencia lingüística y acceder a la estructura de acción performativa. Las condiciones de felicidad, dan cuenta de un uso apropiado del lenguaje en determinadas circunstancias o condiciones de uso. Por ejemplo, venir a tomar el té, tras una invitación, no es verdadero o falso. Se trata más bien de condiciones de cumplimiento tras determinadas invitaciones, respuestas de compromiso, o declaraciones de intención. El estado del mundo no se constituye por la representación de hechos en este caso, sino que por la declaración de intención.

El acceso al trasfondo de prácticas lingüísticas se realiza mediante un tratamiento de la teoría de actos de habla de Austin, según la taxonomía de Searle. Consideran, Winograd & Flores, la estructura ilocutiva de los actos de habla (Searle), que distingue, como estructura central, fuerza ilocutiva y contenido proposicional (la estructura F(p)). Además, caracteriza cada tipo de acto de habla según su condición esencial en la estructura profunda. Esto implica que en el diseño de estructura profunda de los actos de habla aborda la forma de los actos de habla siguiendo la dimensión lógico-lingüística de la performatividad. Esto se manifiesta en que los puntos ilocutivos o tipos de actos de habla, son incluidos

En el primer desarrollo de la teoría enactiva del lenguaje llevado a cabo por Winograd y Flores (1989), el cruce de hermenéutica con los actos de habla consideran los cinco puntos ilocutivos o tipos de actos de habla. Lo graficamos a continuación:

Declaraciones	Compromisos	Directivas	Aserciones	Expresivos Excluidos en el diseño conversación para la acción
---------------	-------------	------------	------------	---

Integran las Declaraciones, Directivas y Compromisos en el trasfondo de fuerzas ilocutivas. Modifican la condición esencial de las aserciones, de modo que la fuerza ilocutiva se integra al trasfondo de fuerzas ilocutivas de los restantes actos de habla considerados en el trasfondo. Desplazan el contenido proposicional, en la dimensión de articulación de indisponibilidad, en el quiebre, para que esté presente la dimensión ante-los-ojos del contenido proposicional. Clasifican lo actos de habla en la dimensión de presente-ante- los-ojos, considerados como la expresión de un estado representacional interno, que no integra las fuerzas ilocutivas del trasfondo. Consideran, además, que la condición de sinceridad es reinterpretada por la dimensión de los estados de ánimo, en la línea de la hermenéutica de Heidegger.

El siguiente esquema permite visualizar esquemáticamente las opciones del cruce de Hermenéutica y Actos de Habla señalado. Considerando la estructura de ser-en-el mundo, de la Hermenéutica de Heidegger, los tipos de actos de habla son considerados en su estructura de fuerza ilocutiva y punto ilocutivo.

A	B	C	D
Indisponible	indisponible	Presente ante los ojos	Puramente Presente
Comprensión	Interpretación	Enunciado	
Declaraciones			
Directivas			
Compromisos			
	“Aserción”	Aserción	
		Expresivo	

3.4 APLICACIÓN DE LA CONVERSACIÓN EN ACCIÓN A LA ORGANIZACIÓN SOCIAL

Desarrollando un diseño del tipo sistémico en analogía con un sistema cerrado o hermenéutico autopoiético, Winograd y Flores proponen lo que llaman una conversación de acción que aplican a la relación humana de los sistemas organizacionales ejemplifican así lo que llaman la conversación de acción en un sistema social.

En un desarrollo de la propuesta, dan cuenta de un sistema organizacional como una red de conversaciones que necesita para su cierre o buena forma, completar un ciclo conversacional. Asumen un diseño de tipo cibernético, de segundo orden, o sea de sistemas sociales y no mecánicos, en conversación.

Utilizando un cruce de lo que sería la metáfora de un acoplamiento estructural, dan cuenta de los compromisos en el lenguaje permitiendo hacer infrecuentes los quiebres. Para con lo cual proponen un sistema de acoplamiento estructural en base a la concepción de la autopoiesis, haciendo una extrapolación al plano social, entendiendo el sistema social como sistema cerrado de conversaciones de acción. En dicho sistema conversacional se cumplen condiciones de satisfacción de los compromisos generados en la conversación de acción, en la según distinciones de tipos de actos de habla.

Aplicado a un sistema un organizacional concebido como una red de conversaciones cerradas, se clasifica la interacción según los siguientes esquemas de coordinación de acciones recursivas en el lenguaje.

Declaraciones-Directivas-Compromisos-Aserción-Declaración

El trasfondo de conversaciones de acción Incluye Declaraciones, Directivas y Compromisos.

La aserción es como una forma de autorregulación auto-referencial (no “control”) del sistema de conversación.

Sin embargo, al ejemplificar lo que ellos denominan una conversación de acción, suprimen o eliminan los actos de habla expresivos. En la aplicación a un sistema social organizacional (Mintzberg), la conversación de acción establece una división del trabajo lin güístico (Flores). Distribuye los tipos de actos de habla por determinados estamentos de la organización, según los roles desempeñados.

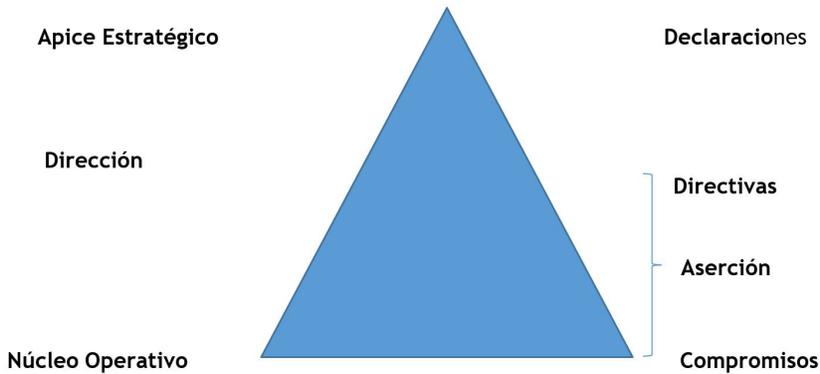
En el ápice estratégico, las declaraciones

En el nivel de la gerencia, las directivas

En el núcleo operativo, los compromisos

Las aserciones permiten verificar si la salida del sistema da cuenta del cumplimiento de las condiciones de satisfacción de los compromisos. En el caso de que sea efectivamente así, se puede declarar un nuevo estado del mundo. La clave para desarrollar esta aplicación al mundo organizacional, está dado por la posibilidad de entrenar la competencia comunicativa de los participantes en las distinciones del sistema de conversación.

Organización como Red de Conversaciones



4 ANÁLISIS DE LOS SUPUESTOS METATEÓRICOS DE LA ENACCIÓN EN LA SÍNTESIS DE HERMENÉUTICA Y ACTOS DE HABLA

En esta sección nos proponemos explicitar algunos supuestos metateóricos de la perspectiva de la enacción en el lenguaje que hemos presentado. Según nuestra visión, los supuestos metateóricos de la enacción y de la neurofenomenología se puede clarificar al examinar algunas proposiciones surgidas en el desarrollo del giro de lenguaje. Con este fin, desarrollaremos los siguientes puntos:

- Marco de análisis previo siguiendo lineamientos del giro del lenguaje.
- Explicitación de los supuestos de la enacción en el lenguaje en la crítica al cognitivismo y en la síntesis alternativa.
- Expresividad y aplicación social de la enacción.

4.1 MARCO DE ANÁLISIS PREVIO SIGUIENDO LINEAMIENTOS DEL GIRO DEL LENGUAJE

El giro lingüístico se desarrolla en la dimensión de la filosofía analítica y a la vez en la filosofía continental. Se propone explicitar los términos mismos de los problemas que se examinan de un modo que no sería posible si no se toma en consideración el lenguaje. Un supuesto que se asume es que es posible determinar absolutamente el significado, estructura, contenido y referencia de un lenguaje en un lenguaje de *background*. Esta visión de la filosofía, como filosofía del lenguaje, se inaugura con los planteamientos de Frege que cuestiona las distinciones previas de la modernidad, sujeto-objeto, introduciendo un nuevo vocabulario con las nuevas distinciones de sentido y referente.

La recepción de la posición de Frege se llevó a cabo tanto dentro de la filosofía analítica del lenguaje como también en la filosofía continental. En cierta forma, podemos ver al observar el desarrollo de los programas de filosofía del lenguaje que la filosofía de lenguaje ideal abordó los problemas centrándose en la referencia. Y que la filosofía continental asumió la dimensión del sentido.

En el contexto de la filosofía analítica se presentan dos variantes: la filosofía analítica del lenguaje ideal en conjunción con la teoría de la verdad como correspondencia, y la filosofía del lenguaje ordinario.

4.2 FILOSOFÍA ANALÍTICA DEL LENGUAJE IDEAL

En el contexto de la filosofía analítica del lenguaje ideal, Russell continuó desarrollando una visión que apuntó a la referencia (denotación). Con el fin de establecer una estructura filosófica en el lenguaje para establecer la referencia, abordó las dificultades que presentaba el lenguaje ordinario para la formalización y desambiguación de los términos, proponiendo una estructura profunda subyacente, donde si sería posible establecer una forma lógica. Eso permitiría la referencia exacta. De esta forma la filosofía del lenguaje ideal se constituyó como una estructura lógico-lingüística fuera del lenguaje ordinario.

En un paso siguiente Wittgenstein y también Russell proveyeron una teoría de la verdad como correspondencia en donde la forma lógica de las proposiciones del lenguaje permitía establecer una correspondencia con la estructura lógica del mundo. Se planteó (Wittgenstein, 1921) un isomorfismo intensional entre la estructura atómico molecular del lenguaje, compuesto por proposiciones y palabras, y la estructura atómico molecular del mundo, compuesto por hechos y combinaciones de objetos. Es lo que se denominó la teoría pictórica del lenguaje. En este contexto, se consideró que las palabras de la proposición denotaban objetos del mundo.

Los desarrollos de la línea Frege, Russell y Wittgenstein en la filosofía del lenguaje ideal, impresionaron fuertemente a los miembros del círculo de Viena que concitó alrededor de los años treinta el interés por trasladar al dominio de la ciencia, concebido como una filosofía analítica de la ciencia, la concepción del lenguaje referencial como foco para impulsar el desarrollo científico.

La doctrina del empirismo lógico propuso considerar tres tipos de términos: lógicos, teóricos y observacionales. A continuación, propuso traducir los términos teóricos en términos observacionales, mediante reglas de correspondencia (operacionalización). En este período Carnap transitó desde la etapa sintáctica hacia la etapa semántica. En un

primer momento asimiló la concepción de la filosofía del lenguaje ideal y los desarrollos de la teoría de la verdad como correspondencia integrándolos en un sistema semántico, en el cual distinguió:

1. Reglas lingüísticas o sintácticas
2. Reglas de transformación o semánticas
3. Reglas de verdad, para establecer las condiciones de verdad

Aplicando el sistema semántico, es posible determinar en el lenguaje del marco lingüístico de fondo, término singular y término general, además de establecer los conectivos, el aparato lógico y los cuantificadores. El significado en un lenguaje se establece traduciendo al marco de fondo, donde se establece el significado y la referencia de los términos.

4.3 FILOSOFÍA ANALÍTICA DEL LENGUAJE ORDINARIO

La variante de filosofía del lenguaje ordinario, abierta por el segundo Wittgenstein, cuestionó los planteamientos de la filosofía del lenguaje ideal. Propuso que el foco del análisis no estuviera en la estructura profunda formal, sino que, en el uso del lenguaje ordinario, tal cual se presenta en la conversación habitual. Cuestionó directamente el juego de lenguaje de la ciencia centrado en la referencia considerado como juego único. Abogó por el uso de lenguaje en contextos de uso mediante juegos de lenguaje conectados con formas de vida. En cierto sentido, se considera que este movimiento de Wittgenstein II abre o inaugura el giro pragmático del lenguaje. Se completa así un proceso iniciado con la etapa sintáctica, la etapa semántica y ahora la pragmática.

Dentro del contexto de la filosofía del lenguaje ordinario un desarrollo prominente esta dado por la teoría de los actos de habla, de Austin, quien propuso la distinción performativo-constatativo. Los usos de lenguaje constatativos reflejan la realidad externa, representan el mundo o el estado del mundo. En esa esfera de los usos de lenguaje se desarrolla la teoría de la verdad como correspondencia. Los usos performativos, en cambio, son una manera o forma de uso de lenguaje que al decir hace, por lo tanto, tienen un papel constituyente. En la dimensión de la distinción constatativo-performativo, diferencia las nociones de locutivo, illocutivo y perlocutivo. Estas formulaciones permiten diferenciar las dimensiones del decir y hacer. Corresponden a las siguientes definiciones:

- Locutivo, lo que se dice.
- Illocutivo lo que se hace al decir
- Perlocutivo el efecto de lo que se hace al decir

En el contexto de esta distinción Austin introduce la teoría de los actos de habla, que distingue cinco tipos de actos de habla:

- Declaraciones: establecen la correspondencia entre el contenido proposicional del acto de habla y la realidad.
- Directivas: intentan hacer que quien escucha haga algo.
- Compromisos: compromete al hablante con un futuro curso de acción.
- Aserciones: compromete al hablante con algo que es el caso.
- Expresivos: expresa un estado psicológico acerca de un estado de cosas.

Un siguiente paso está dado por Searle, quien desarrolla la estructura ilocutiva de la teoría de los actos de habla. Recordemos que Searle, avanzando en su concepción, re-plantea la estructura ilocutiva de la teoría de los actos de habla. Introduce la condición de input, la condición de sinceridad y la condición esencial por cada tipo de acto de habla. Diferencia la dimensión ilocutiva de la perlocutiva, para establecer el significado como acuerdo.

Un desarrollo integrativo en el ámbito de la teoría de los actos de habla es una pragmática universal de Habermas. Implica que, en una comunidad ideal de habla, todo hablante-oyente ideal es capaz de usar todos los actos de habla. Incluye las distinciones de Searle en la estructura ilocutiva y propone una teoría del compromiso en el lenguaje. Integra las dimensiones de la competencia comunicativa, según las funciones del lenguaje (Bühler, 1934/2011): representacional, apelativa y expresiva (“...quién se comunica con otro, acerca de algo”). De acuerdo al principio de la pragmática universal, recién citado, un hablante-oyente ideal es competente para restituir el entendimiento en el trasfondo compartido.

4.4 FILOSOFÍA CONTINENTAL

Las distinciones de Frege, sentido referente, establecidas para superar el paradigma sujeto-objeto, son desarrolladas por la fenomenología de Husserl, quien integra la noción de sentido en la esfera de la intencionalidad. En relación a un sujeto, que constituye el referente como una presentación de sentido en la conciencia. Sin embargo, la posición de Husserl está ligada a la tradición del objeto intencionado. Husserl ha propuesto el acceso inmediato al mundo a través de la conciencia. Y ha considerado centralmente la reducción fenomenológica como una metodología para poner en cuestión los presupuestos o prejuicios con los cuales accedemos al mundo. Su famosa puesta entre paréntesis de la actitud natural, que da paso a la actitud fenomenológica es reconocida como una vía para acceder fenomenológicamente al

sentido en la conciencia. Presenta centralmente el papel de la reflexión a través de la reducción.

Recientemente se ha complementado la obra de Husserl con la publicación de aspectos inéditos. Se reconoce así lo que se denomina fenomenología genética, que sucede a la fenomenología trascendental. En la etapa de la fenomenología genética, Husserl complementa sus planteamientos previos distinguiendo frente a la síntesis activa, donde está presente el ego, una síntesis pasiva. Integra además la dimensión pre-reflexiva, permitiendo así introducir distinciones desde la emoción y los afectos. En este ámbito, plantea una forma de comportarse en el mundo no guiada por la intencionalidad dirigida a un objeto. Es la denominada intencionalidad operativa. En una siguiente etapa Husserl integra la noción de fenomenología generativa, donde aborda el mundo de la vida y la conexión intergeneracional en un horizonte de sentido compartido culturalmente.

4.5 FENOMENOLOGÍA HERMENÉUTICA

La hermenéutica (Gadamer, 1975) aborda la interacción entre el horizonte del texto y del intérprete para establecer el significado. La interpretación surge como un prejuicio o pre-comprensión, anclado en la historicidad que remite a la tradición en la sociedad. Aceptan lo que denominan la inevitabilidad del círculo hermenéutico. El significado del texto es contextual y es traído a la mano desde el horizonte del intérprete, horizonte que a su vez es histórico y que representa interacciones en el lenguaje que vuelven a remitir a la pre-comprensión.

En esa línea, la pregunta por el papel de la interpretación en la interacción de la persona con el texto, conduce desde Gadamer hacia Heidegger en la comprensión del mundo como un todo.

Siguiendo los lineamientos del sentido, también en la huella de Frege y Husserl, la concepción de Heidegger propone una entrada en el lenguaje, cuestionando la preeminencia del referente en la filosofía de lenguaje ideal y en los desarrollos de la ciencia, sostenidos por el empirismo lógico en la ciencia. Sostiene una concepción del lenguaje donde el sentido es preeminente al referente. Es así como propone una concepción del lenguaje en la cual la comprensión-interpretación antecede al enunciado. Se opone, además sistemáticamente a la teoría de la verdad como correspondencia. Desarrolla una concepción de la estructura de ser-en-el-mundo según la cual el sentido se presenta en un trasfondo, como disponibilidad, por oposición a representarse un objeto como una presencia a representar ante-los-ojos. En el acceso al trasfondo, se enfrenta la indisponibilidad como un imperativo para volver al trasfondo.

Cuestiona la tradición de la filosofía y la ciencia, anclada en el paradigma sujeto objeto y representación de objeto. Su desarrollo de la filosofía hermenéutica propone que el acceso al mundo se presenta o se da pre-reflexivamente, a través de un estado de ánimo o emoción, como lo es la angustia. Se accede a la comprensión del sentido de la existencia de una manera pre-teórica, pre-conceptual. Heidegger se opone fuertemente a la tradición racionalista y a la distinción sujeto-objeto, a la representación y al predominio de la reflexión, como forma de acceso de la conciencia al mundo. Identifica a Husserl con la tradición de los desarrollos racionalistas de la reflexión anclados en el cartesianismo².

Desde esa perspectiva hermenéutica surge la crítica al racionalismo, el cual es caracterizado por una clase de dualismo que distingue cuerpo de mente, donde se presenta lo objetivo o realidad física y lo subjetivo o mental.

Heidegger, desde una posición fenomenológica originada en Husserl, se orienta a la investigación de la comprensión del ser-en-el-mundo, como una estructura fundamental que niega la separación sujeto-objeto. Tanto el interpretador como lo interpretado existen en una interdependencia. El prejuicio es la condición para acceder a un trasfondo, que a la vez permite la interpretación.

El círculo hermenéutico aplica como un todo al entendimiento, impidiendo que todas las suposiciones puedan explicitarse.

Heidegger invierte los términos de la tradición racionalista orientada a la teoría y sostiene que nuestro acceso primario al mundo es a través de una práctica con lo disponible-a-la-mano, en un nivel pre-reflexivo. Al estar situados en el mundo, actuando desde una praxis pre-reflexiva, estamos arrojados o lanzados en una comprensión pre-conceptual.

En estrecha conexión con lo recién expuesto, Heidegger cuestiona que la relación con el mundo sea establecida a partir de una representación mental en correspondencia con el mundo objetivo. Actuamos en el mundo no como resultado de una contemplación teórica separada. El mundo no se presenta ante los ojos de un observador que lo contempla separadamente como un sujeto que se lo representa. La representación es derivada.

En consecuencia, sostiene que el significado es social; el lenguaje no surge a partir de la mente individual. La actividad social es el fundamento de la inteligibilidad. Con lo cual, el planteamiento de la fenomenología hermenéutica aparece mostrando que se produce un tránsito desde la mente individual (lo que permite explicitar que el cognitivismo concibe el significado dependiente de la mente individual) hacia la dimensión social del significado.

² Lo que antecede los desarrollos del cognitivismo según la caracterización crítica de Dreyfus (1982).

La orientación de ser-en-el-mundo, como pre-reflexiva también permite entender que accionamos como parte de un trasfondo de disponibilidad a la mano. En esta orientación no se presenta como lo primario distinguir un objeto, ni tampoco ser un sujeto que se enfrenta al mundo como objeto de representación. Cuando se rompe la disponibilidad o se presenta una indisponibilidad al uso inmediato a la mano, se presenta a la vista, ante los ojos. Para Heidegger, hablar de objeto y sus propiedades aparece en función de una actividad.

La comprensión del ser-en-el-mundo (*Dasein*, como un modo de ser-en-el-mundo que es una denominación alternativa al sujeto tradicional, que presupone una mente individual) se entiende como un comprender posibilidades, no una realidad ante los ojos. Al estar en el mundo arrojado o lanzado, el *Dasein* comprende sus posibilidades y se proyecta, en un estado de abierto. Esta apertura lo pone ante una situación fáctica. Esta estructura de ser como proyecto arrojado, da paso a una diferenciación entre comprender e interpretar. Al desarrollo de las posibilidades involucradas en el comprender previo, lo llama Heidegger “interpretar”. Lo así expresamente comprendido, la interpretación, es concebido teniendo la estructura “de algo como algo”. El cómo es la estructura de la expresabilidad del algo como algo, lo cual antecede a la expresabilidad en el enunciado. Heidegger propone así la tesis del carácter derivado del enunciado, en cuanto todo ver ante-predicativo es comprensivo-interpretador. En específico, propone que el enunciado es un modo derivado de la interpretación.

4.6 PRAGMATISMO Y HOLISMO

En paralelo a la posición de la filosofía analítica del lenguaje ordinario, surge la tradición del holismo y del pragmatismo. Rorty, criticando la tradición del reflejo y de la mente espejo ha invocado la posición de Quine, el holismo epistemológico, para oponerse a la analiticidad (la idea de que existen representaciones privilegiadas); a Sellars ante el mito de lo dado; y la posición de Wittgenstein, enfrentando la referencia como juego de lenguaje único para dar el significado.

Desarrolla una crítica ala tradición del conocimiento como reflejo ya la mente espejo. El foco de su desarrollo lo constituye la teoría de la verdad como correspondencia, que sitúa en la tradición pictórica del primer Wittgenstein y también en la concepción semántica de la verdad de Tarski. Pone de relieve el giro lingüístico y la oposición de filosofía del lenguaje ideal y filosofía del lenguaje ordinario.

Se opone al fundacionalismo epistemológico, que opera con la posición de que existe un acceso privilegiado al conocimiento, a la representación privilegiada del mundo tal y como es en sí mismo, que hoy día radicaría en la ciencia.

Al criticar la correspondencia y la referencia, apoyado en la línea de filosofía del lenguaje de Quine-Davidson centrada en la traducción-interpretación radical, da un vuelco hacia la comprensión-interpretación del significado de acuerdo a la hermenéutica. Reconoce en la tradición de Heidegger, Sartre, Gadamer una vía de comprensión que conecta con el proyecto de ser en el mundo. Su tesis central es plantear que existe una alternativa de elección de vocabulario, análoga a la concepción de Sartre en el Ser y la Nada, quien ha propuesto la noción central de elección de sí, para caracterizar la realidad humana.

4.7 NOS PROPONEMOS ESTABLECER ALGUNOS ALCANCES A LOS SUPUESTOS METATEÓRICOS DE LA POSICIÓN ENACTIVA EN EL LENGUAJE

En primer lugar, la concepción de la enacción se plantea en discusión con los supuestos de correspondencia-referencia que comprometen la visión tradicional de las ciencias cognitivas, tanto en el cognitivismo, como en el conexionismo, con la tradición del conocimiento como reflejo y con la mente espejo.

En el planteamiento original de la enacción, Varela se refiere a la posición de Rorty (1979), donde se plantea ampliamente la discusión con el paradigma de la imagen y se apunta contra la representación. Podríamos ver el planteamiento de la enacción, alineado con la posición pragmática que cuestiona la teoría de la verdad como correspondencia, en el sentido de que se opone a la tradición de la representación privilegiada en el ámbito de las ciencias cognitivas.

Al mismo tiempo, Rorty se opone a la representación privilegiada, pero no a las representaciones en sí mismas. En el mismo sentido, el recurso a las representaciones encarnadas puede ser una vía que no resulta incompatible con la noción de la enacción, si se adopta una perspectiva de holismo para abordar la percepción y la emoción.

Varela argumenta contra la tradición de la representación en el contexto del mundo y de la mente como algo pre-dado, lo que nos recuerda a Sellars. El cuestionamiento a la correspondencia aparece en relación a representar lo dado. Su oposición al fundacionalismo, lo llevaría cuestionar que haya algo ahí, como datos con los cuales corresponder.

Pero centralmente, la enacción está cuestionando la tradición de la referencia como el juego de la ciencia cognitiva. Podemos decir que está introduciendo una perspectiva más amplia del significado en una concepción de ciencia cognitiva enactiva y neurofenomenológica al intentar ampliar el foco del vocabulario para incluir la dimensión del significado en primera persona.

En la posición de la enacción en el lenguaje frente al cognitivismo, el argumento de la correspondencia lingüística apunta a caracterizar críticamente la posición de los

programas de comprensión del lenguaje natural en la inteligencia artificial (en la etapa cognitista). Según esa posición, sería posible determinar la referencia en el sistema lingüístico de *background*. Al proponer la crítica a la correspondencia referencia, la enacción se dirige contra la idea de determinar la referencia en un sistema lingüístico de fondo. El quiebre con esa tradición conduce a buscar la alternativa en la hermenéutica y en la performatividad. Justamente en la línea del significado no primariamente referencial.

Cabe señalar que un primer embate en esta área estuvo dado por la crítica de Dreyfus a la Inteligencia artificial intentando modelar la inteligencia humana. La argumentación de Dreyfus propuso que los supuestos de la Inteligencia artificial reposaban en una formulación derivada del atomismo lógico. Su alternativa consistió en proponer la visión de Heidegger, *ser-en-el mundo*, para mostrar a una persona situada en el mundo cambiante, más que un programa de inteligencia abstracto en base a reglas descontextualizadas.

En la misma senda, la posición de Winograd y Flores, cuestionando la comprensión del lenguaje en base a un sistema de reglas lingüísticas, oponen la noción de un *ser-en-el mundo*, en el dominio del ser disponible-a-la-mano, enfrentando quiebres de indisponibilidad. El lenguaje del trasfondo supone la comprensión-interpretación de acuerdo a una práctica de vida encarnada, con otros.

La comprensión en el lenguaje no ocurre mediante la representación abstracta, en una mente espejo, de un mundo pre-dado. No es primariamente enunciado. Esto aparece cuando un quiebre no puede ser restituido al trasfondo y se deja la actitud práctica, para dar lugar a la reflexión. Entonces aparece el objeto presente-ante-los-ojos.

La comprensión del significado surge en un mundo vivido, pre-reflexivamente, y no presente-ante-los-ojos en la reflexión.

En la línea de Winograd y Flores, la fenomenología hermenéutica de Heidegger, permitiría acceder a la dimensión expresiva, también de los actos de habla expresivos. Según nuestro parecer, la versión crítica de Dreyfus, que caracterizó a Husserl como un proto-cognitivista, computacionalista, precursor del cognitivismo, influyó en la versión inicial de la enacción en el lenguaje. Para Dreyfus, los actos de habla representan un estado representacional, mental interno, el cual sería exteriorizado en la expresividad de los actos de habla expresivos.

De acuerdo a la perspectiva que examinamos en un apartado anterior, los actos de habla expresivos están situados en la dimensión presente-ante-los-ojos, no como expresividad que surge en el trasfondo de disponibilidad. Caen, por lo tanto, en la oposición o dualidad mente-mundo. Nos parece que aquí radicaría una posible razón para

la exclusión de los actos de habla expresivos del modelo de la enacción en el lenguaje de Winograd y Flores.

Están en la línea de oposición de Heidegger en el lenguaje (hermenéutica) frente a Husserl (fenomenología) cognitivista.

A la luz de los nuevos desarrollos explicitados en relación a la fenomenología genética y de la fenomenología generativa, aparece una dimensión de la fenomenología de Husserl que no está en oposición a la fenomenología hermenéutica de Heidegger. Por consiguiente, la noción de ser-en-el-mundo, resulta afín a la idea del mundo de la vida y del horizonte de sentido. La aperturidad desde la dimensión pre-reflexiva, supone un acceso al mundo de la vida no mediado inicialmente por la reducción y la reflexión. Análogamente, la posibilidad de cruzar esta perspectiva unificada de fenomenología y hermenéutica con la tradición del lenguaje en la perspectiva el uso de lenguaje, como juegos de lenguaje conectados con formas de vida, permite un tránsito respecto de la performatividad, la ilocutividad y la expresividad. Lo cual abre a una consideración integrada de las funciones del lenguaje, en la senda de Habermas.

En la teoría de los actos de habla se ha puesto de relieve con Habermas, la triple perspectiva para considerar los actos de habla, en cuanto se trata de que yo (primera persona) me comunique con alguien (segunda persona) acerca de algo (tercera persona). Lo que se denomina función expresiva, función apelativa y función proposicional respectivamente. Considerada holísticamente, la dimensión semántica de cada una de las funciones se reconoce y la expresiva se presenta como una unidad afectivo corporal en el contexto de la teoría de los actos de habla.

La función expresiva del lenguaje esta corporalmente encarnada y se expresa en los gestos y movimientos. Está sincronizada. En el juego de lenguaje performativo, ilocutivo la expresividad está conectada con una forma de vida. Es enacción, está encarnada.

4.8 EXPRESIVIDAD Y APLICACIÓN SOCIAL DE LA ENACCIÓN

Los antecedentes de la posición de la enacción en el trabajo de la autopoiesis hacen necesario tener en cuenta lo que significa la tesis según la cual los sistemas vivos son sistemas autónomos que generan su propia forma de vivir. Reproducen su forma o generan identidad, lo que no depende de los insumos externos. En este sentido, el sistema está determinado por su estructura. Dicho sistema no discrimina en la experiencia ilusión de percepción. Al mismo tiempo producen los componentes que reproducen su forma de vida.

El antecedente teórico de la autopoiesis es importante epistemológicamente, por cuanto la concepción sistémica se reformula respecto de la noción de sistema abierto,

que ahora es considerado como cerrado. Esta noción de autopoiesis permite cuestionar la idea de que un sistema se oriente instructivamente, determinado por el entorno. Se cuestiona que haya una referencia externa al sistema. Esta consideración en relación a la noción de un sistema cerrado permite establecer un símil con un sistema social en términos de un sistema cerrado o red de conversaciones cerradas.

Estas conversaciones no son entendidas según la tradición del lenguaje de la correspondencia-referencia, sino que en un encuadre de hermenéutica, darían lugar a un sistema que construye su propio significado sin necesidad del mundo exterior. O sea, sin referencia externa.

Sin embargo, Varela (2000) en un desarrollo autocrítico, cuestiona extrapolar la idea de autopoiesis más allá de los sistemas biológicos, al nivel celular en el cual fueron propuestos. Recurre así a una nueva propuesta, que tiene que ver con el nacimiento de la posición de la enacción. Existe una emergencia en un sistema que da cuenta de un nivel de organización compleja que no se reduce a los componentes neuronales. Este punto es crucial, por cuanto la posición enactiva, si bien tiene un antecedente y un origen en los estudios de la autopoiesis, supera esa posición considerando que no es posible una extrapolación a un sistema humano vivo un sistema social. Respeta el nivel de organización en el cual se da el fenómeno humano en la relación en el plano cultural. Sostiene que el significado surge en una enactuación tanto del sistema como del entorno, de acuerdo a una historia de acoplamiento estructural.³

Podemos ver en este planteamiento entonces, un avance respecto de la correspondencia lingüística y correspondencia-referencia en el sentido de cuestionar la posición de acceder a un exterior del sistema. Un sistema autónomo no será guiado desde el exterior; y por analogía, un sistema social hermenéutico como red cerrada de conversaciones según la metáfora del acoplamiento estructural, no reconoce un afuera objetivo. Justamente Varela va a desarrollar una concepción de co-determinación análoga al ser-en-el-mundo con otros en el lenguaje. Aquí está en juego la noción de acoplamiento estructural y de emergencia, lo que supone dos niveles de complejidad para una integración de la perspectiva de un sistema enactivo en el lenguaje.

En este dominio concebimos las funciones del lenguaje holísticamente, incluyendo la función expresiva y por lo tanto los actos de habla expresivos. Esto hace posible que las emociones, los afectos y los estados de ánimo como fenómenos enactivos puedan ser expresados, no traducidos, en el lenguaje. Una experiencia expresiva puede ser explicitada en un acto de habla expresivo como autorreferencia, no representacional. En

³ Es así como se plantea en las ciencias cognitivas, la etapa de la enacción abordando la dimensión de la primera persona.

el contexto de un juego de lenguaje ilocutivo, los actos de habla expresivos toman parte como parte de la coordinación y “co-determinación Yo-Otro” (Varela, 2002, p.251).

Entonces, un contexto cognitivo entendido como enacción generativa, es expresivo. Esta es una alternativa que abre al estudio de la enacción en la dimensión social inter-subjetiva en psicoterapia, meditación mindfulness y en el campo las ciencias sociales; la neurofenomenología en la línea del nuevo Husserl.

Lo que cabe reflexionar entonces al respecto es, cómo aborda una concepción del lenguaje enactivo el contexto de una co-determinación en un sistema, la relación entre sistemas humanos mediados por el lenguaje. Lo que nos aparece es la alternativa de un uso enactivo del lenguaje guiado expresivamente, emocionalmente.

4.9 IMPLICACIONES DEL ACOPLAMIENTO ESTRUCTURAL Y APERTURA LINGÜÍSTICA DEL MUNDO SOCIAL

La posición subyacente en el planteamiento de Winograd y Flores, conduce a establecer un estrecho paralelo entre la noción de acoplamiento estructural como metáfora del planteamiento hermenéutico del lenguaje, donde se plantea que el acoplamiento estructural permitiría hacer una analogía con el diseño en base al compromiso en el lenguaje para hacer infrecuentes los quiebres recurrentes. Con el supuesto de la aperturidad lingüística del mundo, de acuerdo a la estructura de ser-en-el-mundo, la disponibilidad- a-la-mano (Heidegger), antecede a la posición del quiebre y a la posición presente-ante- los-ojos, donde aparece lo que está (ante) a la vista.

En el mismo sentido, la posición de observador (de Maturana) que establece distinciones en el lenguaje, aparece como en una posición derivada respecto del acoplamiento estructural previo. Esta concepción del lenguaje es equivalente a la propuesta de una cognición social enactiva, en el lenguaje. La conversación de acción aparece como una red de conversaciones en cuanto diseño conversacional en donde la dimensión del intercambio social se plantea como una secuencia conversacional de roles en distintos estados o etapas de la conversación. La cuestión del diseño pasa a ser crucial para abrir posibilidades de acción.

En ese espacio se plantea que todo ocurre en el lenguaje y que el significado aparece en actos de habla con potencial para acceder al trasfondo.

Sin embargo, aquí es donde aparece como central poder realizar algunas distinciones. Si bien la aplicación de una perspectiva enactiva en el lenguaje es importante para la acción social como un tipo de conversación o redes de conversación, cabe preguntar si este planteamiento reproduce un sistema de conversación de tipo

comunicativo orientado al entendimiento entre los participantes o instrumental, orientado al éxito. Esta consideración es importante porque incide en el intento de dilucidar el carácter social del planteamiento enactivo en el lenguaje.

Aquí nos aparece pertinente traer a la mano las dimensiones del lenguaje señaladas al inicio, de apertura semántica y la función comunicativa pragmática. La perspectiva de la apertura lingüística del mundo, siguiendo los supuestos que introduce la posición de la enacción de Winograd y Flores en base a Heidegger, conduce hacia el holismo y hacia la tesis de que el significado determina el referente. Por otra parte, sostenemos que la discusión de la posición hermenéutica de Winograd y Flores debe hacerse cargo de la posición adoptada en cuanto a la noción de trasfondo. Esto debido a que la noción de trasfondo, (asumida en la posición de Heidegger y también de Habermas) incorpora la noción de holismo, lo que conduce a la imposibilidad de distinguir, entre el saber del significado y el saber del mundo en el ámbito de la teoría de la referencia indirecta.

Si se adopta el supuesto de la que el significado determina el referente, al avanzar hacia la noción de trasfondo, no se cuenta con los medios para la distinción entre estos tipos de saber.

Si nos preguntamos por el modelo de acción comunicativa que propone la enacción en el lenguaje de Winograd y Flores, a la luz de la teoría de la acción comunicativa, vemos que no cumple los criterios de validez de la pragmática universal.

Esto equivale a decir que no pone en acción la competencia comunicativa, si no cumple con las esferas de validez. Al suprimir la dimensión de los actos de habla expresivos, no cumple con la validez expresiva. El sistema de comunicación acción debería poder dar la alternativa de actualizar la competencia comunicativa expresiva, mediante el reconocimiento de esa dimensión expresiva en el lenguaje. Lo que permitiría movilizar la veracidad, esto es, que los hablantes tomen posición en primera persona acerca de lo expresado en lo dicho. Sin embargo, abordar dimensión de la competencia lingüística no basta no basta para establecer el significado.

Al abordar el proceso de la planificación social y contemplar la estructura de la organización podemos ver claramente que el diseño de la conversación para la acción se plan- tea segmentando la competencia comunicativa, por tipos de actos de habla. Así es el caso que la alta gerencia decide la visión o la orientación al declarar. Mientras que la gerencia media puede realizar directivos o pedir. En tanto que la base operativa realiza los compromisos o promesas de acción. Si bien una división del trabajo puede parecer inevitable, la segmentación social de las funciones del lenguaje y la restricción de

la dimensión expresiva y proposicional, mientras se mantiene solo la dimensión normativa, apelativa, muestra un diseño de tipo imperativo y no comunicativo (Aristegui, 2002, 2006).

De acuerdo al planteamiento de la acción comunicativa (Habermas) si el desacoplamiento del mundo de la vida y sistema debería ser abordado por metodologías de comunicación o de acción comunicativa orientados al entendimiento, el planteamiento de Winograd y Flores no aparece haciéndose cargo de las dimensiones críticas de las dimensiones de aperturidad y comunicación en el lenguaje. Su implementación produciría distorsiones comunicativas y no competencia comunicativa para acceder al trasfondo.

Avanzando hacia el análisis de la dimensión de aperturidad en el lenguaje, nos encontramos con supuestos del holismo que sería necesario abordar en la síntesis de Hermenéutica y Actos de habla de Winograd y Flores. Esta dimensión aparece no examinada, incluso en el trasfondo de función comunicativa. No parece posible que el sólo desempeño fáctico de las esferas de validez permita dar una respuesta al problema de inteligibilidad que plantean los supuestos de aperturidad lingüística. La teoría de la enacción como síntesis de hermenéutica y actos de habla presenta un problema estructural en cuanto introduce una concepción del lenguaje según la cual la referencia se determina indirectamente. Supone que previamente se proponga un significado o sentido para proponer la referencia.

El planteamiento de que todo es en el lenguaje y que el significado aparece en actos de habla y en el potencial de acceso al trasfondo para hacer infrecuentes los quiebres remite a una concepción referencial indirecta, derivada.

En el mismo sentido, al proponer (frente a Habermas) que es necesario ir más allá de las posibilidades de un dialogo contrafáctico y proponer la metáfora del acoplamiento estructural para fundamentar el acuerdo social, incide en la función de apertura del lenguaje entendida como un desplazamiento de la función designativa.

El diseño que Winograd y Flores proponen para el acceso al trasfondo supone modificar la condición esencial de la aserción y proponer un trasfondo de fuerzas ilocutivas por sobre el contenido proposicional. La estructura F(P) resulta ser una condición de pre-eminencia de la fuerza ilocutiva por sobre el contenido proposicional. Da cuenta de la dimensión y función de comunicación, pero no aborda el supuesto de la referencia indirecta en la dimensión de aperturidad en el lenguaje.

El retrotraer la determinación del significado al trasfondo, conduce al holismo, vía la tesis de la preeminencia del significado sobre el referente. Presupone que además en el tratamiento de la comunicación vía actos de habla, propone superar la hipótesis del significado literal. La preeminencia del trasfondo donde prima el significado por sobre

el referente, articula el saber del significado con el saber del mundo no permitiendo diferenciar la referencia.

Por consiguiente, el paso a una posición como la sostenida por Winograd y Flores, que se fundamentan precisamente en Heidegger Gadamer y Habermas, en un cruce de hermenéutica y actos de habla, se fundamenta en la idea de que el significado se establece en el compromiso a través de actos de habla y que el contenido se articula en modelos recurrentes de quiebre y potencial de acceso al trasfondo. El significado o todo lo que existe se establece a través del lenguaje. Lo cual quiere decir que la función de aperturidad del lenguaje se desarrolla e interpreta considerando que el lenguaje es constitutivo del mundo.

4.10 ENACCIÓN EN EL LENGUAJE, NEUROFENOMENOLOGÍA Y HOLISMO DE SIGNIFICADO

La posibilidad de establecer la conversación social, la comunicación a nivel intersubjetivo, lleva a pensar que es necesario reconocer esta función o dimensión del lenguaje como uso designativo, como una vía para sostener un acuerdo respecto de la dimensión en la cual nos comunicamos. Así, poder estar de acuerdo intersubjetivamente respecto si acaso nos comunicamos en el ámbito de las normas, o del estado del mundo, o de una vivencia.

Si volvemos a plantear que el ingreso al planteamiento del acuerdo se desarrolla por vía de una entidad intermediaria (intensional), nos sumergimos en el problema de no poder distinguir entre el saber del mundo y del significado.

Una función central de la crítica al supuesto de que el significado es preeminente a la referencia está dada por la posibilidad de generar una posición intersubjetiva frente a una concepción individualista, que reposa en la idea de múltiples accesos mentales individuales como válidos.

La cognición social entendida en el marco de la teoría de la enacción en el lenguaje según Winograd y Flores incide en esos supuestos individualistas. En este sentido, la aplicación de modelos sociales según dicho esquema de acción social, no aborda el problema del acuerdo sustentador en base a acceder en forma conjunta a una determinación de lo que se entiende para guiar la acción.

La concepción enactiva en el lenguaje de Winograd y Flores, la síntesis de Hermenéutica y Actos de habla, que utiliza el encuadre metafórico (como metonimia) del acoplamiento estructural, está sujeta a esta crítica de los supuestos individualistas. Al interpretar la comprensión previa, según el propio punto de vista, no permite acceder

a la dimensión de distinción entre lo interno-externo, entre lo que proviene de la propia posición y lo que sostiene otro, crucial para poder ponerse de acuerdo intersubjetivamente acerca de lo que se dice.

La posición del observador que llega tardíamente a establecer las distinciones de algo ya previamente desempeñado sitúa la relación de la referencia como derivada. Lo previo, disponible, ya dilucidado o dirimido por a la metáfora del acoplamiento estructural, fue propuesto como el símil para establecer el significado, en el ámbito de la empresa y en la organización social.

Dando un paso más, la función designativa, referencial, permite un acercamiento semiótico al aprendizaje, en cuanto nuestro trato con las imágenes del mundo, ancladas en el cuerpo, como cognición encarnada, nos abre a establecer ordenes recursivos, en la comunicación, como expresión de niveles recursivos en el aprendizaje social. La autorreferencialidad, a nivel comunicativo, nos permite el proceso de comunicación intersubjetiva. A nivel social, podemos plantear los órdenes del aprendizaje, (Bateson) en una con fluencia con el Proyecto de Bateson en el área.

Si se mira a Bateson desde la teoría indirecta del referente, el sentido debe colocarse sobre el referente como realidad de II orden.

Sin embargo, en una perspectiva enactiva, en el mundo y en adición una teoría del referente directo, accedemos al significado, reconociendo que poder referir directamente a algo en el mundo nos permitiría acceder a la distinción de tipos lógicos y no solo de niveles lógicos. Bateson acepta las metacomunicaciones por tipo.

Aquí, Bateson y los teóricos del holismo semántico abren posibilidades de diferenciar el problema de la competencia lingüística, de la dimensión de lo extensional, que se aborda en la enacción.

4.11 LA COMPRENSIÓN DE LOS TÉRMINOS EN LOS INFORMES EN PRIMERA PERSONA EN NEUROFENOMENOLOGÍA

En este contexto nos parece relevante abordar la conexión con la dimensión de la comprensión de los términos usados por los participantes en los informes en primera persona, como eje de la propuesta de la enacción y la neurofenomenología de Varela.

Nos parece que la tarea de la comprensión del uso de lenguaje en primera persona confronta de entrada la dimensión de la traducción e interpretación. En este contexto específico, nos remitimos a la posición del holismo semántico de Quine y Putnam, en cuanto ellos han desarrollado una posición que confronta las posiciones de la teoría intensionalis ta del significado. Quine ha desarrollado el holismo y la indeterminación, en

tanto que Putnam, acuerda con el holismo e introduce una vía crítica al intensionalismo con un desarrollo de la teoría de la referencia directa.

La posición de la tesis de la Indeterminación de la Traducción Radical (IT) de Quine (1960) nos conduce a considerar que consistente con la misma evidencia hay más de un manual de traducción, aunque no equivalente lógicamente entre sí. En el contexto de traducción radical, no hay *fact of the matter*. En el mismo contexto, la referencia aparece indeterminada conductualmente. Trasladado a la lengua materna, la inescrutabilidad de la referencia (IR) también se presenta. Lo que tiene sentido no es decir por qué objetos están los términos de la teoría, sino cómo se interpretan o reinterpretan en una teoría de fondo, lo que da lugar a la doctrina de la Relatividad Ontológica (RO). En un contexto de traducción, a nivel pragmático, se busca una equivalencia de significado, más que una traducción radical.

De acuerdo a este contexto teórico, las tesis de indeterminación permiten cuestionar los supuestos de la correspondencia referencia y de la correspondencia lingüística. En este respecto, coincidimos con la perspectiva crítica de la enacción. Al avanzar en el planteamiento por vía de la dimensión semántica de aperturidad lingüística y de la dimensión comunicativa pragmática, desde la posición del holismo del significado, confluimos con la posición de la enacción en el lenguaje en la neurofenomenología de Varela a partir de la delimitación anteriormente señalada frente a los supuestos de la síntesis de hermenéutica y actos de habla de Winograd y Flores.

Así, proponemos que una alternativa es diferenciar la comprensión de las descripciones en su uso designativo o referencial respecto del uso atributivo. Desde una concepción de la teoría de la referencia directa (Putnam, 1988), el uso designativo frente al uso atribucional en un contexto pragmático permite diferenciar la referencia de la identificación (Putnam, 1988). Al comprender un término en forma atributiva, se lo incluye en la identificación correspondiente a una clasificación que predica genéricamente la pertenencia a una clase de descripciones. En cambio, el uso referencial permite especificar la singularidad referencial de una cosa, sin necesidad de cumplir o satisfacer la pertenencia a una descripción. O sea, la pertenencia (identificación) a un núcleo de descripciones implica una propiedad o sentido previo, como vía para la referencia. En tanto que la referencia directa propone un acceso a la cosa, no mediado por el cumplimiento de las condiciones de la descripción.

Esta distinción permite una alternativa a la tesis de que la intensión determina la extensión. Es lo que permite cuestionar el supuesto de Heidegger asumido por Winograd y Flores en cuanto que el significado determina el referente.

Este supuesto debe ser cuestionado si se desea mantener la posición de la neurofenomenología. Proponemos que el campo en el cual se plantea la tesis central de Varela que afirma la hipótesis de trabajo básica, se explicita en lo siguiente “para una circulación entre el análisis externo y fenomenológico:

Las referencias fenomenológicas acerca de la estructura de la experiencia y sus equivalentes en la ciencia cognitiva se relacionan una con otra a través de restricciones mutuas” (Varela 2002)

Supone diferenciar la dimensión del significado respecto del referente, lo que hemos señalado con la distinción entre el uso atributivo del uso referencial en el lenguaje. Aplicado a la comprensión de los informes de primera persona, proponemos que la enacción en el lenguaje en la vía neurofenomenológica permite diferenciar esos usos y afrontar las consecuencias epistemológicas de irrevisabilidad del núcleo de significado que se desprende de asumir la analiticidad o la posición de un significado a priori (o lo dado, como señala Varela).

Las consecuencias sociales, señaladas en el apartado anterior, nos llevan a enfatizar que en un contexto de construcción de acuerdo social en la conversación, la dimensión de autorreferencia recursiva en el lenguaje permite una posición de falibilidad si se asume la dimensión designativa de los términos. La confluencia entre la enacción y la perspectiva de Bateson, en esta óptica de enacción, permitiría un acercamiento con usos referenciales directos, con la consecuencia social de que no es necesario imponer una visión previa como condición del diálogo social en situaciones de quiebre comunicacional. La comunicación enactiva es una elección compatible con la autorreferencia comunicativa.

5 A MODO DE CONCLUSIÓN

- A. Al examinar los supuestos de la concepción del lenguaje en la enacción, aparece una crítica al referencialismo externo, desde la fenomenología hermenéutica de la enacción en el lenguaje.

Lo que constatamos es la parcialidad de los desarrollos del lenguaje en las ciencias cognitivas, que presuponen la visión tradicional del lenguaje como representación, respecto de las tres funciones del lenguaje reconocidas en la teoría performativa de los actos de habla.

En la misma línea de argumentación, la perspectiva inicial de enacción en el lenguaje, no incluye la función expresiva del lenguaje, siendo un desarrollo también parcial.

En la perspectiva del cruce de hermenéutica y actos de habla, encontramos una vía para integrar la fenomenología hermenéutica con la fenomenología genética y generativa, que permite integrar la dimensión expresiva de los actos de habla.

Desde ese trasfondo, se abre una vía de integración holística de las funciones del lenguaje en la teoría de los actos de habla que incluye los expresivos, lo que abre posibilidades de una nueva discusión de la enacción social en el lenguaje.

- B. La posición de la enacción, en la vía de la neurofenomenología de Varela, permite plantear una alternativa a la dimensión del referente indirecto. Sostenemos que la posición de la enacción en el lenguaje puede abordar la dimensión de la apertura en el lenguaje considerado como un tipo de enacción directa en el lenguaje, no mediada por un significado previo, o conceptos o sentido social previo. Nos parece que, en esta dirección, una concepción del referente directo permite afrontar el camino sin salida a que conduce una concepción de la referencia indirecta en consonancia con la posición de Winograd y Flores que intentan fusionar la teoría de Maturana y Varela con los supuestos de la hermenéutica.

En una visión de neurofenomenología en coherencia con la teoría de la referencia directa, el giro de lenguaje puede ser integrado, sin las consecuencias de incidir en una aperturidad lingüística del mundo. Por consiguiente, el intento de sobreponerse a esa dimensión previa del lenguaje, no necesita ser contrarrestada con una concepción de referencia derivada, como un intento de anteponer una comprensión previa no lingüística.

En el mismo sentido, abrimos un paralelo para abordar la enacción y la neurofenomenología en la línea de la comprensión de las emociones y los estados afectivos a partir de la referencia directa, sin sentidos formulados previamente - acompañando el emergente. Aquí aparece una posición de integración entre el contenido proposicional y la formulación de la emoción (expresividad) en el lenguaje, sin reducirla a lenguaje.

BIBLIOGRAFÍA

Adrián, J. (2013) La actualidad de la fenomenología husserliana: superación de viejos tópicos y apertura de nuevos campos de exploración. Recuperado de www.Eidosno.18 Barranquilla Jan./June

Adrián, J. (2010) Heidegger y la genealogía de la pregunta por el ser. Barcelona: Herder.

Adrián, J. (2012) Husserl y la neurofenomenología. *Investigaciones Fenomenológicas*, n. 9, 173-194.

Aristegui, R (2015a). De la traducción radical a la indeterminación de la traducción en la comunicación terapéutica. En Fried Schnitman, D., *Diálogos para la transformación: experiencias en terapia y otras intervenciones psicosociales en Iberoamérica* (pp. 152-176) Recuperado de www.taosinstitute.net

Aristegui, R. (2015b). Construcciónismo social y discusión de paradigmas en psicología. USA: The Taos Institute Publications/World Share Books. Recuperado <http://www.taosinstitute.net/construccionismo-social-y-discusion>

Aristegui, R., Gaete, J., Muñoz, G., Salazar, J.I., Vilches, O., Krause, M., de la Parra, G., Strasser, K., Ramirez, I., Reyes, L., Tomicic, A., Echavarrí, O., Valdés, N., Dagnino, P., Altimir, C., Ben Dov, P., González, A. & Dobry, C. (2009). Diálogos y autorreferencia: procesos de cambio en psicoterapia desde la perspectiva de los actos de habla. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 1er semestre 2009.

Aristegui, R., Krause, M. & De la Parra, G. (2004). Actos de Habla en la Conversación Terapéutica. *Terapia Psicológica*, 22 (2).

Aristegui, R. (2002). La conversación para la acción de F. Flores desde el punto de vista de la acción comunicativa de Habermas. *Psykhé* 11 (2), 55-70.

Austin, J.L. (1950). Truth. *Proceeding of the Aristotelian Society*, (24), 111-128. Austin, J.L. (1962). *Cómo hacer cosas con palabras*. Barcelona: Paidós.

Austin, J. L. (1961). *Philosophical papers*. Oxford: Oxford University Press. Brown, H. (1984). *La nueva filosofía de la ciencia*. Madrid: Tecnos

Bühler, K. (1934/2011) *Theory of language: The representational function of language*. Amsterdam: John Benjamins.

Carnap, R. (1959). *Introduction to semantics and formalization of logic*. Cambridge, MA: Harvard University press.

Carnap, R. (1970a). *Meaning and necessity*. New York: Routledge and Kegan Paul Inc. Carnap, R. (1970b). *Empiricism, semantics and ontology*. In Carnap, R., *Meaning and necessity*, pp.205-221. (1970). New York: Routledge and Kegan Paul Inc.

Carnap, R. (1974). *La concepción analítica de la filosofía*. Madrid: Alianza. Carnap, R. (1988). *La construcción lógica del mundo*. México: UNAM.

Chalmers, D. (1996) *The conscious mind: in search of fundamental theory*. Oxford: Oxford University Press.

Chomsky, N. (1986). *Knowledge of Language*. New York: Praeger. D'Agostini, F. (2000). *Analíticos y continentales*. España: Cátedra.

Davidson, D. & Harman, G. (1972). *Semantics of Natural Language*. Dordrecht, Holland: Reidel Publishing Co.

Davidson, D. (1967). Truth and Meaning. In *Truth and Interpretation* (1984), *Syntheses*. Davidson, D. (1984). *Truth and Interpretation*. Oxford: Oxford University Press, Oxford. Dennet, D. (1995) *La conciencia explicada*. Barcelona: Paidós.

Depraz, N., Gallagher, S. (2002) "Phenomenology and the Cognitive Science. Editorial Introduction", *Phenomenology and the Cognitive Science* 1 (2002) 1-2.

Dreyfus, H. (1979). *What computers can't do. A critique of artificial reason*. New York: Harper and Row.

Dreyfus, H. (1992) *What Computers Still Can't Do*. Cambridge: MIT Press.

- Dreyfus, H. & Dreyfus, S. (1985). *Mind over machine*. New York: Mac Millan/The Free Press.
- Dreyfus, H. (1991). *Being-in the-world. A commentary on Division I of Heidegger's Being and Time*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Dreyfus, H. & Hall, H. (1982) Introduction. In H.L. Dreyfus & H. Hall (Eds.) *Husserl, Intentionality and Cognitive Sciences* (pp1-27). Cambridge: MIT Press.
- Echeverría, R. (2016) *Ontología del Lenguaje*. Santiago: JCSaez Editor.
- Echeverría, R. (2006) *Actos de Lenguaje. Volumen I: La escucha*. Santiago: JCSaez Editor. Echeverría, R. (2003) *La empresa emergente*. Santiago: Ediciones granica S.A.
- Dummett, M (1993). *The Origins of Analytical Philosophy*. London: Duckworth. Flores, F. (2015) *Conversaciones para la acción*. Bogotá: Lemoine Editores.
- Flores, F. (1994) *Creando organizaciones para el futuro*. Santiago: Dolmen ediciones.
- Flores, F. (1982) *Management and Communication in the office of the future*. San Francisco: Hermetet, Inc.
- Fodor, J. (1980). *Methodological solipsism considered as a research strategy*. In *Cognitive psychology. The behavioral and brain sciences*, (3).
- Fodor, J. (1981). *Representations. Philosophical essays on the foundations of Cognitive science*. Cambridge, MA: Bradford Books, MIT Press.
- Fodor, J. (1986). *La Modularidad de la Mente*. Madrid: Morata.
- Frege, G. (1949). *On sense and nominatum*. In H. Feigh and W. Sellars (Eds.), *Readings in philosophical analysis*, pp.85-102. New York: Appleton Century Cross.
- Gadamer, H.C. (1975). *Truth and Method*. In Barden, C. & Cumming J. (Eds.). New York: Seabury Press.
- Gallagher, S.& Zahavi, D. (2013) *La mente fenomenológica*. Madrid: Alianza.
- Gaete, J., Arístegui, R., Krause, M. (2017). *Cuatro prácticas conversacionales para propiciar un cambio de foco terapéutico*. *Revista Argentina de Psicología Clínica*. A publicar- se en Vol2.
- Gendlin, E. (1997). *Experiencing and the creation of meaning, IVB*. Evanston: Northwestern University Press. Paperback.
- Guidano, V. (1991). *The Self in Process: Toward a Post-Rationalistic Cognitive Therapy*. New York: Guilford Press.
- Guidano, V.F. (1995) «Constructivist psychotherapy: A theoretical framework», en R.A. Neimeyer y M.J. Mahoney (Eds.), *Constructivism in Psychotherapy*, pp. 93-108. Washington, DC: American Psychological Association.
- Habermas, J. (2002). *Verdad y justificación. Ensayos filosóficos*. Madrid: Trotta.
- Habermas, J. (1989a) *¿Qué significa pragmática universal? En Habermas, J., Teoría de la Acción Comunicativa: Complementos y estudios previos (1976)*. Madrid: Taurus.

- Habermas, J. (1989b). Teoría de la acción comunicativa I. Racionalidad de la Acción y racionalización social. Madrid: Taurus.
- Habermas, J. (1989c). Teoría de la Verdad. En Habermas, J., Teoría de la Acción Comunicativa: Complementos y estudios previos. Madrid: Cátedra.
- Habermas, J.(1990) Pensamiento postmetafísico. Madrid: Taurus Heidegger, M. (1962). Being and Time. New York: Harper and Row.
- Husserl, E. (1982) La idea de la Fenomenología. Cinco lecciones. México. FCE. Husserl, E. (1985). Investigaciones lógicas. Madrid: Alianza.
- Lafont, C. (1997a). La Razón como Lenguaje. Madrid: Visor.
- Lafont, C. (1997b). Lenguaje y apertura del mundo. El giro lingüístico de La hermenéutica de Heidegger. Madrid: Alianza Universidad.
- Lafont, C. (2010). Gadamer y Brandom. Sobre la interpretación. Signos Filosóficos, 12 (23), enero-junio, pp. 99-118.
- Lakoff, G., and Johnson, M., (1999). Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books.
- Leiva, J. (2008) Fundamentación y diseño de un modelo de intervención socioeducativa desde una perspectiva constructivista para su aplicación en organizaciones productivas. Estudio de su aplicación y observación de su impacto en una empresa. Tesis para optar al grado de PhD en Psicología. Universidad Ramón Llull.
- Martinich, A.P. (2005). A Companion to Analytic Philosophy. Oxford, UK: Blackwell Publishing.
- Maturana, H. (1978) Biology of Language: The epistemology of reality, in G.A. Miller and E. Lenneberg (Eds.) Psychology and Biology Of Language and Thought: Essays in Honor of Erich Lenneberg. New York: Academic Press.
- Maturana, H. (1993). Desde la Biología a la Psicología. Viña del Mar: Synthesis. 201 Maturana, H. y Varela, F. (1973). De máquinas y seres vivos. Santiago: Ed. Universitaria.
- Maturana & Varela (1980) Autopiesis and cognition: The realization and the living. Dordrecht: Reidel.
- Naishtat, F. (2005). Una perspectiva pragmática. Buenos Aires: Prometeo.
- Neimeyer y M.J. Mahoney (1995) Constructivism in Psychotherapy. Washington, DC: American Psychological Association.
- Ojeda, C. (2001) Francisco Varela and the cognitive sciences. Revista Chilena de Neuro- Psiquiatría. 39 (4): 206-295.
- Putnam, H. (1975). Mind Language and Reality: Philosophical Papers, vol. II. Cambridge MA: Cambridge University Press.
- Putnam, H. (2001). El positivismo lógico. Una mirada desde adentro. Barcelona: Alianza. Quine W.V.O. (1953) From a Logical point of view. Cmbridge: Harvard University Press. Quine W.V.O. (1960) Word and Object. Cambridge: Mit Press.

Quine W.V.O. (1969): *Ontological Relativity and Other Essays*. New York: Columbia University Press.

Reyes, L., Arístegui, R., Krause, M., Strasser, K., Tomcic, A., Valdés, N., Altimir, C., Ramírez, I., de la Parra, G., Dagnino, P., Echávarri, O., Vilches, O., & Ben Dov, O., (2008). *Language and Therapeutic Change: A Speech Acts analysis*. *Psychotherapy research* 18, 355-362.

Romanos, G. (1983). *Quine and Analytic Philosophy*. Cambridge, MA: MIT Press. Rorty, R. (2000): *El pragmatismo una versión*. Barcelona: Ariel.

Rorty, R. (1979). *Philosophy and the mirror of nature*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.

Rorty, R. (1996). *Objetividad, Relativismo y Verdad*. Barcelona: Paidós. Rorty, R. (2010). *La filosofía como política cultural*. Madrid: Paidós.

Rorty, R. (1967). *The linguistic turn*. Chicago: University of Chicago Press.

Russell, B. (1920). *Introduction to Mathematical Philosophy*. London: Allen and Unwin. Russell, B. (1948). *Human Knowledge*. New York: Simon and Schuster.

Russell, B. (1956). *Logic and Knowledge*. London: Allen and Unwin.

San Martín, J. (2015) *La nueva imagen de Husserl. Lecciones de Guanajuato*. Madrid: Editorial Trotta.

Sanhueza, J. (2012) *Modelo de valoración del cambio en intervenciones de consultoría organizacional. Dispositivos técnico-metodológicos de una perspectiva binocular del cambio*. Tesis para optar al grado de Doctor en Ciencias Sociales. Taos/ Tilburg Ph.D. Program. Tilburg University.

Sartre, J. (1966). *El ser y la nada*. Buenos Aires: Losada.

Searle, J. (1969). *Speech Acts*. Cambridge: Cambridge University.

Searle, J. (1975). *Language, Mind and Knowledge*. Minneapolis: University of Minnesota. Searle, J. (1978). *Literal Meaning*. *Erkenntnis* (13).

Searle, J. (1979). *Expression and Meaning*. Cambridge: Cambridge University. Searle, J. (1980). *Minds, Brains and Programs*. *The Behavioral and Brain Sciences* 3. Searle, J. (1983). *Intentionality*. Cambridge: Cambridge University Press.

Searle, J. (1997). *La construcción de la realidad social*. Barcelona: Paidós.

Searle, J. (1975) *A taxonomy of illocutionary acts.*, in K. Gunderson (Ed.), *Language, Mind and Knowledge*, Minneapolis: University of Minnesota.

Searle, J. (1999). *Mind, Language and Society*. New York: Basic Books.

Schutz, A., Luckmann, T. (2009). *Las estructuras del mundo de la vida*. Buenos Aires: Amorrortu.

Sellars, W. (1963). *Science, perception and reality*. New York: Humanities.

Sellars W. (1956) "Empiricism and the philosophy of mind" in, Herbert Feigl and Michael Scriven, eds. *Minnesota Studies in the Philosophy of Science, Vol I: The Foundations of Science and the concepts of Psychology and Psychoanalysis*. University of Minnesota Press, pp 253-329.

- Tarski, A. (1944). The semantic conception of truth and the foundations of theoretical semantics. *Philosophy and Phenomenological, research* (4).
- Tarski, A. (1956). *Logic Semantics Methamatimatics*. London: Oxford University Press. Thompson, E. (2007) *Mind in life*. Cambridge: Belknap Press Of Harvard University Press.
- Thompson, T, Lutz, A., Cosmelli, D. (2005) "Neurophenomenology: an Introduction for Neurophilosophers", in Andrew Brook / Kathleen Akins (eds.), *Cognition and the Brain: The Philosophy and Neuroscience Movement*. New York: Cambridge University Press, pp. 40-97.
- Varela, F. (1996). Neurophenomenology: A methodological remedy for the hard problem. *Journal of Consciousness Studies*, 3 (4), pp.330-50.
- Varela, F. (1990) *Conocer*. Barcelona: Gedisa.
- Varela, F. (2002): *El fenómeno de la vida*. Santiago: Dolmen Varela, F. (2003) *La habilidad ética*. Barcelona: Debate.
- Varela, F., Shear, J. (2000) *The view from within: first-person approaches to the study of conciousness*. USA: Imprint academic.
- Varela, F., Thompson, E., Rosch, E. (2011) *De cuerpo presente*. Barcelona: Gedisa.
- Vargas, E., Canales-Johnson A., Fuentes, C. (2013) Francisco `s Varela neurophenomenology of time: Temporality of conciousness explained? *Actas Esp Psiquiatr* 2013; 41(4): 253-62.
- Welton, D. (2003) *The Other Husserl: The Horizons of Transcendental Phenomenology*, Bloomington: Indiana University Press.
- Winograd, T & Flores, F. (1987). *Understanding computers and cognition: A new foundation for design*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Co.
- Winograd, T. (1983) *Language as a cognitive process*. USA: Addison-Wesley Publishing Company, Inc.
- Winograd, T. (1980) What does it means to understand language. *Cognitive Science*, 209- 24
- Wittgenstein, L. (1953). *Philosophical investigations*. Oxford, UK: Blackwell.
- Wittgenstein, L. (1968). *Philosophical Investigations*. London: Blackwell.
- Wittgenstein, L. (1961). *Tractatus Logico-Philosophicus*. London: Routledge and Kegan Paul.
- Wittgenstein, L. (2000). *Sobre la certeza*. Barcelona: Gedisa.
- Wittgenstein, L. (2007). *Los cuadernos azul y marrón*. Madrid: Tecnos.
- Zahavi, D. (2004) Husserl` s Noema and the Internalist-Externalist Debate. *Inquiry* 47, pp. 42-66.
- Zahavi, D. (2003) *Husserl´ s Phenomenology*. Stanford: Stanford University Press.

SOBRE O ORGANIZADOR

Luis Fernando González-Beltrán - Doctorado en Psicología. Profesor Asociado de la Facultad de Estudios Superiores Iztacala (FESI) UNAM, Miembro de la Asociación Internacional de Análisis Conductual. (ABAI). de la Sociedad Mexicana de Análisis de la Conducta, del Sistema Mexicano de Investigación en Psicología, y de La Asociación Mexicana de Comportamiento y Salud. Consejero Propietario perteneciente al Consejo Interno de Posgrado para el programa de Psicología 1994-1999. Jefe de Sección Académica de la Carrera de Psicología. ENEPI, UNAM, de 9 de Marzo de 1999 a Febrero 2003. Secretario Académico de la Secretaría General de la Facultad de Psicología 2012. Con 40 años de Docencia en licenciatura en Psicología, en 4 diferentes Planes de estudios, con 18 asignaturas diferentes, y 10 asignaturas diferentes en el Posgrado, en la FESI y la Facultad de Psicología. Cursos en Especialidad en Psicología de la Salud y de Maestría en Psicología de la Salud en CENHIES Pachuca, Hidalgo. Con Tutorías en el Programa Alta Exigencia Académica, PRONABES, Sistema Institucional de Tutorías. Comité Tutorial en el Programa de Maestría en Psicología, Universidad Autónoma del Estado de Morelos. En investigación 28 Artículos en revistas especializadas, Coautor de un libro especializado, 12 Capítulos de Libro especializado, Dictaminador de libros y artículos especializados, evaluador de proyectos del CONACYT, con más de 100 Ponencias en Eventos Especializados Nacionales, y más de 20 en Eventos Internacionales, 13 Conferencia en Eventos Académicos, Organizador de 17 eventos y congresos, con Participación en elaboración de planes de estudio, Responsable de Proyectos de Investigación apoyados por DGAPA de la UNAM y por CONACYT. Evaluador de ponencias en el Congreso Internacional de Innovación Educativa del Tecnológico de Monterrey; Revisor de libros del Comité Editorial FESI, UNAM; del Comité editorial Facultad de Psicología, UNAM y del Cuerpo Editorial Artemis Editora. Revisor de las revistas "Itinerario de las miradas: Serie de divulgación de Avances de Investigación". FES Acatlán; "Lecturas de Economía", Universidad de Antioquía, Medellín, Colombia, Revista Latinoamericana de Ciencia Psicológica (PSIENCIA). Buenos Aires, Revista "Advances in Research"; Revista "Current Journal of Applied Science and Technology"; Revista "Asian Journal of Education and Social Studies"; y Revista "Journal of Pharmaceutical Research International".

<https://orcid.org/0000-0002-3492-1145>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Actos de habla expresivos 1, 5, 7, 14, 23, 24, 25, 26, 27
Adaptive reuse 206
Agricultura familiar 158, 159, 162, 169, 172, 173, 174, 177, 181, 182
Álgebra 88, 89, 90, 91, 93, 94
Aproximación epistemológica 145

B

Background 1, 9, 15, 23, 48, 141, 206

C

Case study 66, 206
CHATGPT 118, 119, 127, 129, 130
COIL 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 194, 195, 196, 197, 200, 205
Comics 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67
Comportamiento del consumidor 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 156
Comunicación y encuentros 68
Conocimiento local 158, 177, 179
Contenido pedagógico 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117

D

Desempeños 77, 81, 85
Diagnosis 138, 139, 141, 144

E

Educación 59, 66, 67, 68, 72, 76, 77, 78, 80, 81, 84, 85, 87, 89, 93, 94, 96, 97, 105, 107, 109, 113, 115, 116, 117, 155, 156, 163, 164, 166, 167, 169, 173, 174, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 188
Educación superior 66, 67, 88, 94, 96, 97, 163, 166, 179, 180, 183, 184, 188
Enacción 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 13, 15, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33
Enaction 1
Enfoque crítico 145, 153
Enfoque cualitativo 62, 106, 107, 108
Enfoque interpretativo 145, 147, 150, 152
Enfoque naturalista 145, 147, 149, 150, 154

Enseñanza de Inglés 59

Escala de actividades desenvolvidas na internet (EADInt) 118

ESL Classrooms 39

Estratégia 95, 115, 131, 132, 133, 134, 135, 169, 192, 218, 224, 226, 241

Estrategias 59, 60, 63, 66, 88, 96, 108, 111, 114, 115, 117, 131, 133, 134, 135, 161, 170, 172, 175, 182, 190, 192, 197, 220, 223, 226, 236, 238, 241, 242, 245

Etnografia sensorial 240, 246, 247, 248, 254, 255

Expressive speech acts 1

F

FCAV 185, 186, 187, 188, 205

FDCSV 185, 186, 187, 188, 205

Feira 240, 241, 242, 243, 244, 245, 247, 250, 251, 252, 253, 254, 255

H

Harnessing heritage 206

Hélice Tríplice 218

Herramientas 59, 60, 61, 62, 63, 73, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 113, 114, 115, 159, 172, 185, 186, 187, 191, 195, 197

I

Inovação social 218, 219, 220, 224, 225, 226, 227, 232, 233, 234, 235, 239

Internet 60, 80, 83, 84, 85, 86, 105, 113, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130

L

Liderança 131, 132, 133, 134, 137, 221

M

Mapa Egos 131, 133, 135, 136

Matemáticas 66, 78, 80, 88, 90, 91, 93, 94

Meaning holism 1

Mediación pedagógica 68, 69

N

Needs 138, 139, 140, 141, 144, 216

Neurofenomenología 1, 2, 4, 5, 15, 26, 29, 30, 31, 32, 33
Neurophenomenology 1, 38

O

Organization and competitions 138

P

Performative 1

Performativo 1, 11, 17, 24

Pixton 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66

Place identity 206

Práticas curriculares 95, 103, 104

Process types 39, 41, 43, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 56, 58

Psicología del color 106, 108

R

Região de Antofagasta 218, 222, 224, 225, 226, 232, 233

Re-pensar la educación 68

RS 186

S

Santiago del Estero 158, 159, 169, 172, 180, 181, 182, 184

SCEMAI 131, 132, 133, 135

Sectores de la sociedad 95, 96, 103, 104

Sensibilidades 240, 241, 244, 248

Systemic Functional Linguistics 39, 40, 41, 46, 56, 58

T

Técnicas de organización 95, 96, 99, 103, 104

Tecnologías digitales 77, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 87

TICS 59, 60, 66, 89, 91, 113

Training 96, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144

Transferencia 158, 159, 162, 163, 164, 166, 169, 171, 172, 174, 177, 178, 179, 181, 218

Transitivity system 39, 41, 43, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58

Turismo de Interesse Especial 218, 226, 227, 232, 234

U

UAT 185, 186, 187, 188, 189, 194, 195, 196, 197, 199, 205

Urban competitiveness 206

V

Vinculación 70, 95, 103, 104, 105, 159, 161, 162, 163, 171, 174, 175, 178, 181, 236

W

Web 68, 81, 82, 85, 88, 89, 91, 118, 119